

# O MINIS/ÉRIO

## ADVENTISTA

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



# O AUTÊNTICO CULTO ADVENTISTA

# “Que é Isso que Tens na Mão?”

Havia mais de 200 anos desde que Jacó entrou no Egito; mesmo sem ter revelações, a situação de seus filhos era normal e até de tranqüila prosperidade e paz. Os anos se passaram e José morreu, o que sem dúvida, causou preocupação entre seus familiares. “Entretanto se levantou um novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José. Ele disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós.” (Êxodo 1:8 e 9.)

A preocupação do monarca egípcio era justificada pois “...e seu número crescente excitava agora os temores do rei de seu povo, não acontecesse em caso de guerra se unissem eles com os inimigos do Egito. Contudo, a prudência vedava o seu banimento do país”. — *Patriarcas e Profetas*, pág. 246. Ao optar impondo-lhes trabalhos forçados, e altos impostos, os converteu em escravos.

Nessas circunstâncias apareceu o Senhor disposto a intervir pelos Seus.

Quando parecia que não havia esperanças de libertação, Deus conservou milagrosamente a vida de Moisés a quem, posteriormente haveria de executar os Seus planos. “...Certamente vi a aflição do Meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento.” (Êxodo 3:7) Enquanto tudo isso acontecia, “os anciãos de Israel foram instruídos pelos anjos de que o tempo para o seu libertamento estava próximo...” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 250. Apesar de Moisés ter sido instruído pelos anjos e ser comunicado que foi escolhido por Deus para pôr fim a terrível escravidão, planejou iniciar o cumprimento de sua missão matando um egípcio; este ato que era tão comum, como o é em nossos dias; tratou de reprimir o erro com a força; assim Moisés necessitou 40 longos anos para aprender as lições que o habilitariam para realizar a tarefa e cumprir sua missão. Nós também devemos aprender muitas lições ao invés de desaprender outras, antes que Deus nos possa usar com eficiência.

Um dia, enquanto Moisés apascentava as ovelhas do seu sogro em Horebe, Deus Se manifestou através de uma sarça. Foi nesse maravilhoso encontro, seguido de um prolongado diálogo, que Deus expôs o desafio e Moisés demonstrou uma série de desculpas, mas o Senhor o assegurou: “Eu serei contigo...” (Êxodo 3:12)

Deus em Sua misericórdia e paciência concedeu a Moisés uma demonstração palpável do poder que o acompanharia: “Perguntou-lhe o Senhor: Que é isso que tens na mão? Respondeu-lhe: Uma vara. Então lhe disse: Lança-a na terra. Ele a lançou na terra, e ela virou cobra. E Moisés fugia dela”. (Êxodo 4:2 e 3)

Através do relato bíblico, sabemos todas as maravilhas que Deus realizou para levar o Seu povo até a terra prometida.

Devido a desconfiança em suas próprias habilidades, Deus encontrou em Moisés um instrumento idôneo, com possibilidades de ser apto. Assim é também conosco hoje, quando como ministros reconhecemos nossas limitações, Deus nos concede sabedoria e forças. Temos em nossas mãos o poder que o Senhor Jesus prometeu antes de ascender aos Céus. “Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu nome, esse vos ensinará todas as coisas.” (João 14:26).

Que o ano de 1993, denominado como o Ano do Pastor, cada ministro adventista experimente a ardente convicção de que ao dedicar sua vida ao Senhor, seu trabalho não será em vão, sentindo na mensagem do evangelho que prega, o sabor de vida para vida que contém uma gloriosa esperança de recompensa eterna. — *José Amasías Justiniano*.

# O MINISTÉRIO

## ADVENTISTA

Ano 63 - Número 5 - Set/Out. 1992 - Periódico Bimestral

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

---

### EDITORIAL

“O QUE É ISSO QUE TENS NA TUA MÃO?”

*José Amasias Justiniano*

---

### ARTIGOS

#### 4 O AUTÊNTICO CULTO ADVENTISTA

*C. Raymond Holmes*

---

#### 9 SINAIS VITAIS DE CRESCIMENTO E A IGREJA ADVENTISTA

*Daniel J. Rode*

---

#### 14 MISSÃO GLOBAL, MINHA MISSÃO

*J. David Newman*

---

#### 21 O PAPEL DA ESPOSA DO PASTOR

*Ellen Bresee*

---

#### 23 O SÁBADO, E A EXPERIÊNCIA DA SALVAÇÃO

*Ricardo Cabero*

---

#### 28 COMO SER AMIGO DO SEU PASTOR

*Robert P. Fry Júnior*

---

#### 30 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MEMORIAL DA SANTA CEIA

*Almir A. Fonseca*

---

**Gerente Geral:** Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;  
**Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Darlene Camargo; colaboradores Especiais: Amasias Justiniano,  
Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Jorge Burlandy, Jeltê Carvalho, Adamôr Pimenta.

Todo artigo ou correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA  
deve ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279-970 — Brasília, DF.  
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
Rodovia SP 127 — Km 106 — 18270-000 — Tatuí, SP.

# O Autêntico Culto Adventista

C. RAYMOND HOLMES

**O autêntico culto adventista mantém um equilíbrio entre a pregação e o louvor, ambos alicerçados na fé na Palavra de Deus.**

**O**s adventistas do sétimo dia consideram Apocalipse 14:6 e 7 um texto chave acerca do culto de adoração: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o Céu, a Terra, e o mar, e as fontes das águas.”

Essa passagem afirma que há uma nova e particular característica, para a celebração do culto na igreja do fim dos tempos, envolvendo dois aspectos principais. Essa característica tem a ver com o senso de urgência que vem através do entendimento de que a igreja realiza seus cultos de adoração num contexto de crise escatológica. Os dois maiores enfoques são a pregação e o louvor, ambos elementos vitais no autêntico culto adventista do sétimo dia. Enquanto o senso de urgência provê motivação tanto para o louvor quanto para o sermão, um equilíbrio entre a pregação e o louvor é necessário para que não haja uma distorção no culto. O louvor de uma congregação é sempre uma resposta à voz de Deus apresentada na Bíblia e no sermão. Deus fala; Seu povo responde.

## Pregação e Louvor

**O** autêntico culto adventista está centralizado na pregação e no louvor, não admitindo dicotomia entre proclamação e adoração. O equilíbrio entre o sermão e o louvor é assegurado pela expo-

sição da “doutrina do evangelho, tristeza pelo pecado, arrependimento e confissão”<sup>1</sup>, dentro do contexto de um culto regido pela ordem, disciplina e dignidade.<sup>2</sup> A pregação bíblica expositiva é, talvez, a melhor forma de tratar com o emocionalismo, fanatismo e subjetivismo no culto. Tal espécie de mensagem “organiza nosso mundo interior, define nossa identidade, julga nossas atividades, autoriza nosso testemunho, enaltece as promessas de Deus em Jesus Cristo, oferece o próprio dom de Jesus Cristo, e evoca nossa liberdade como ‘pessoas’ para aceitar ou rejeitar a Deus”.<sup>3</sup> Quando a Palavra de Deus tem precedência sobre a resposta humana, não existe problema de equilíbrio do culto de adoração.

Qualquer tendência que não posicione a pregação como ato central do culto adventista está em desarmonia com Apocalipse 14:6, porque a experiência humana nunca deve ocupar o lugar da Palavra de Deus no culto — nem mesmo uma “suave sensação de êxtase”.<sup>4</sup> É em resposta à Palavra de Deus lida e pregada que os pecadores redimidos louvam a Deus e o Cordeiro em atitude de adoração. É por isso que o louvor fica fora do seu devido lugar quando é apresentado logo no início do culto. A contrição, em resposta à voz de Deus ouvida através das Escrituras e da pregação, precede o louvor. Este é o clímax natural do serviço teocêntrico de culto, durante o qual as razões para as expressões de louvor foram primeiro bem estabelecidas pelas Escrituras e pelo sermão. Portanto, qualquer tendência de não apresentar o louvor como uma resposta apropriada à Palavra de Deus não está em harmonia com Apocalipse 14:7. Igualmente, tal tendência também está em desacordo com o espírito do sábado, pois “sem que a observância do sábado revele nossos mais profundos sentimentos de louvor, não estaremos expressando todo o seu completo potencial”.<sup>5</sup>

A pregação do Velho Testamento apontava para o ato salvador de Deus na história. A comunidade do Novo Testamento pregou e expressou seu louvor a essa atividade salvífica em Cristo. A pregação do Novo Testamento também aponta para o futuro ato final de salvação de Deus na história, a segunda vinda de Cristo. O Salvador — o único que nos redime do pecado, o nosso Senhor, que está assentado à direita do Pai e atua como Sumo Sacerdote, e Aquele que, ao completar Seu ministério celestial, retornará à Terra para buscar Seus filhos — é o centro da fé adventista. Cremos em Cristo. Como igreja, somos chamados o “corpo de Cristo”, e somos exortados a glorificá-Lo pela vida em harmonia com Sua vontade para com a Igreja (Rom. 12; Efé. 4:17; 6:18; Col. 3:1-4; 6; I Tess. 4:1; 5:11; Heb. 12:1-13 e 21; I Ped. 1:13; 5:11).

Conseqüentemente, em seu culto nos últimos dias, a Igreja responde à pregação do “evangelho eterno”, dando a Deus “glória”; dirigindo-se a Ele em oração, ouvindo atentamente Sua Palavra, cantando hinos de louvor, reafirmando a experiência redentora da graça através de uma vida de entrega e testemunho. Assim, o culto, especialmente em adoração, revela a natureza essencial da experiência cristã. Uma renovada vida de louvor em resposta à Sua Palavra resultaria, naturalmente, de uma renovação tanto do louvor como do evangelismo.

Ao respondermos às experiências de louvor, permaneçamos no equilíbrio, não adotando posições extremadas que poderão prejudicar uma genuína renovação do culto. Consideremos, por exemplo, a posição que afirma que, por estarmos vivendo no dia antitípico da expiação, o louvor seria inapropriado. A contrição é importante parte do culto, mas se ela vem enfocada de modo a negligenciar o louvor, o culto tenderá a se tornar distorcido. As boas novas do perdão dos pecados e a promessa do breve retorno do Senhor são, certamente, causas de alegria entre o povo de Deus e podem legitimamente ser expressas em louvor. Este é um ponto claro: quando alguém entra em contato com novas idéias acerca do louvor, uma cuidadosa consideração, investigação e análise são requeridos para que não apareçam os extremismos.

Uma expressão muito usada hoje é “culto de celebração”. No passado, alguns pastores usaram “celebração” em referência ao culto de adoração, porém hoje, infelizmente, a expressão está se convertendo num termo carregado — tão carregado que algumas pessoas têm ficado alarmadas por seu uso e logo imaginam todo tipo de demônios ao ouvi-lo. Mas o conceito de celebração com alegria é encontrado através de toda a Bíblia (êxo. 10:9; Mat. 26:18; Lucas 15:24; Apoc. 4; 5; 11:10). Honestidade e objetividade requerem que evitemos acusações desinformadas acerca do termo e daqueles que o usam. Embora reconheçamos os motivos elogiáveis dos pastores atraídos pelo culto de celebração, o conceito não pode ser aceito por uma congregação adventista sem um cuidadoso exame. E tal investigação deveria ser baseada nos sólidos princípios litúrgicos e não em deturpações e descaracterizações.

Um ano atrás, assisti a um culto de celebração numa igreja adventista do sétimo dia. Três elementos compunham a liturgia: louvor, oração e sermão. Louvor e pregação requereram a maior parte do tempo. Durante o segmento de louvor, os líderes juntaram-se à congregação nos cânticos de louvor contemporâneos, com as palavras projetadas na tela, durante cerca de 20 minutos. No decorrer desse período, não vi nem ouvi qualquer coisa que pudesse ser considerada herética ou satânica. Entretanto, eu não me senti tocado, pelas seguintes razões:

1. *O culto apresentava um caráter de entretenimento.* O local não era um santuário, com arquitetura que destacasse o púlpito ou a mesa da comunhão, mas um auditório cujo principal enfoque era um amplo palco. Nessas condições, era natural que os participantes atuassem mais como atores do que como líderes do culto de adoração. O cenário e a música, ainda que preparados com esmero e bom gosto, tornavam o aplauso algo perfeitamente natural. Entretenimento religioso de boa qualidade tem o seu lugar, mas não durante um autêntico culto adventista.

2. *O culto possuía um enfoque subjetivo.* As emoções eram tocadas num nível superficial, o que acontece no caso de um

entretenimento, e não no nível mais profundo, através da pregação da lei e do evangelho. Tive a impressão de que a maioria do auditório tinha a sensação de que o culto estaria sendo prestado a Deus se eles se sentissem bem tanto em relação ao aspecto litúrgico quanto em função deles próprios.

3. *O culto pareceu valorizar, como seu principal elemento, a expressão de louvor.* O louvor precedeu o sermão e permeou cada parte que era apresentada ou falada. Entretanto, no autêntico culto adventista, o louvor é apenas um dos muitos elementos que contribuem para uma equilibrada e completa experiência. Tornar o louvor o principal elemento é produzir um desequilíbrio no serviço do culto, desvalorizando outras partes vitais como confissão, contrição, gratidão, pregação, ensino, ordenanças, testemunho, dedicação e sacrifício em dar e servir.

4. *Louvor muito no início do culto.* Ele deve ser sempre uma resposta à Palavra de Deus, lida e pregada. O pecador redimido louva a Deus, o Pai, que é o Criador, e o Filho, o Redentor. A experiência humana nunca deve tomar o lugar da Palavra de Deus num autêntico culto adventista.

5. *A Música sacra contemporânea diminuiu o culto.* Em razão de tenderem a tocar apenas as emoções superficiais, as músicas sacras contemporâneas nunca podem tomar o lugar dos tradicionais hinos da Igreja. Elas nunca conseguem produzir os mesmos resultados que esses hinos obtêm. Os hinos do hinário adventista *Cantai ao Senhor* surgiram no seio de uma comunidade cristã que lutava pela sobrevivência num ambiente hostil. Os grandes hinos, antemas e corais da igreja fortalecem a convicção e a fé, além de tocarem as emoções num nível mais profundo.

A exortação de Paulo à congregação de Éfeso certamente deve ser levada a sério pelos adoradores de hoje: “Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais; cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração; dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Efés. 5:19 e 20). A tentação hoje é se mover dessa ordem para as músicas e canções “pop”. Necessitamos estar alerta contra a rejeição daquilo que é histórico na música da igreja, trocan-

do-o pelos modismos dos coros de louvor contemporâneos. O ponto fundamental na música cristã é que ela não se resumia apenas à expressão emocional subjetiva numa apresentação de entretenimento, mas seu maior mérito era conduzir à confissão dos pecados e à fé, num ambiente de reverência e adoração. Tal qual muitos dos salmos do Velho Testamento, os hinos e cânticos da comunidade cristã dos tempos do Novo Testamento recordavam os poderosos atos do Senhor em favor da redenção da humanidade. O principal enfoque deve ser sempre sobre a exaltação de Jesus Cristo como Salvador e Senhor.

6. *A ordem da liturgia era diferente, mas apenas a mudança na forma do culto não produz reavivamento.* O reavivamento segue a espécie de exame do coração que conduz à confissão, arrependimento e transformação da vida. E isso é possível não pela adoção de uma forma litúrgica desordenada, como o culto de celebração, mas pela busca nas fontes espirituais: as Escrituras Sagradas e o Espírito de Profecia. O reavivamento ocorre quando e onde há uma pregação descomprometida da Palavra de Deus, a pregação de todo o evangelho, e a rejeição do erro.

### Resposta ao culto de celebração

O culto de celebração pode ser nada mais do que um “cometa litúrgico”, deslumbrante no seu caminho para o desaparecimento, deixando apenas uma memória. Ainda surgem sérias questões acerca do fenômeno que cintila nos céus adventistas: 1. Aonde, afinal, isso nos levará? 2. Até que ponto se trata de uma forma de neopentecostalismo? 3. Quão longe estamos indo à procura de inspiração hoje em dia? 4. Já não é a inspiração encontrada na mensagem e na missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia? 5. O problema real estaria com a teologia que apóia o culto de celebração e fornece material para as pregações feitas nesse contexto?

Até agora apenas expressamos nossa reação ao culto de celebração. O que necessitamos é de uma resposta inteligente às questões mais básicas. Somos



aconselhados, em face de pessoas que apreciam novas experiências de louvor envolvendo muito entusiasmo e movimentos físicos, a “não combater suas idéias nem tratá-las com desdém. Em vez disso, ofereçamos-lhes um exemplo do que constitui um verdadeiro serviço de amor no culto de adoração”.<sup>6</sup>

O caminho certo não está na condenação nem do conservadorismo nem dos extremos carismáticos no louvor. Talvez, deveríamos ser gratos porque o culto de celebração está nos chamando a atenção para a nossa atrasada necessidade de renovação do culto de louvor em nossas igrejas. Não dar o devido louvor, segundo Apocalipse 14:6 e 7 ordena, tem criado um vácuo. Não deveríamos nos surpreender por aquilo que o vem preencher. Talvez Deus esteja dando à Igreja Adventista do Sétimo Dia uma oportunidade de responder mais completamente à mensagem do primeiro anjo, e começar a pensar mais seriamente na teologia adventista do louvor.<sup>7</sup>

### Louvor Adventista Autêntico

**D**iferentemente das tradições luteranas ou episcopais, o culto adventista possui grande versatilidade. Sua liturgia é parte do legado da igreja livre e isso aumenta em vez de diminuir

a responsabilidade pelo planejamento do culto que introduz o povo à presença de Deus, para ouvir a Sua voz e responder em louvor de modo apropriado.

Num espectro litúrgico que se estende desde as formas mais simples até as mais elaboradas, a Igreja Adventista do Sétimo Dia se posiciona numa linha entre as mais simples e as intermediárias. O culto adventista, mesmo nas mais famosas igrejas institucionais, com serviços de adoração formais e cuidadosamente planejados, não pode ser classificado como altamente elaborado. O que temos é uma igreja com liturgia simples, com base na estrutura e na ordem, porém fortemente marcada por um amplo espectro de variações.

Entretanto, é possível identificar alguns dos aspectos fundamentais do autêntico culto adventista:

1. *Teocentrismo.* Os adoradores adventistas do sétimo dia visam a Deus, não ao adorador como o ponto central. Dizer do culto que “ele não vem ao encontro de minhas necessidades”, ou “dele não recebo nada” sugere que o adorador é o centro de atenções. O culto não é apenas uma porta de entrada numa miscelânea de atividades planejadas para suprir cada possível necessidade humana. Quando o enfoque principal do culto é mais o suprimento das carências pessoais do que a adoração a Deus, a Palavra de Deus é colocada sob

o entulho do endeusamento humano. Conseqüentemente, o louvor perde o seu real valor. Certamente, Deus deseja que as necessidades humanas sejam supridas, mas a maior delas é estar na presença de Deus em fé e submissão. Porque “a maior dádiva que podemos receber é Deus”<sup>8</sup>, o suprimento de uma necessidade humana é um gracioso subproduto do culto teocêntrico. A responsabilidade pastoral requer que os ministros liderem suas congregações na experiência do mais elevado, mais importante, mais majestoso louvor.

2. *Centralização na pregação.* No contexto da era do juízo, o culto deve centrar-se em torno da Palavra de Deus. “O verdadeiro profeta está voltado mais para a interpretação da natureza e ação de Deus do que no suprimento das necessidades e vontades do povo.”<sup>9</sup>

3. *Crença prática.* Um ponto que caracteriza o culto adventista é encontrado no que cremos e pregamos. Não pode ser copiado nem da alta liturgia nem do culto carismático. Em seu lugar, nosso culto deve ilustrar nossas crenças, proclamar nossa missão de forma audível e visível, e tornar claro o motivo por que nos congregamos. Quando o culto não demonstra as crenças da igreja, quando o culto dá maior importância à celebração de eventos na história secular do que à história da redenção, tal culto é dúbio. A ambigüidade na liturgia não permite direção, tema ou unidade no culto.

4. *Louvor dentro de um contexto.* O louvor dentro do contexto da pregação da Palavra de Deus coloca em cheque o emocionalismo e o fanatismo. O culto adventista deve manter-se livre de qualquer distorção. “Se trabalhamos para criar excitação do sentimento, teremos tudo quanto queremos, e mais do que possivelmente podemos saber como manejar. Calma e claramente ‘prega a Palavra’. Importa não considerar nossa obra criar excitação.”<sup>10</sup> Sentimentos e excitação não devem assumir “o domínio sobre o juízo calmo”.<sup>11</sup> Mero ruído e gritos não são sinal de santificação, ou da descida do Espírito Santo.<sup>12</sup>

5. *Evitando os extremos.* O plano de Satanás é tentar a igreja em direção a um dos dois extremos: emocionalismo ou frio formalismo; subjetivismo sem base objetiva ou objetividade sem reação subjetiva; pura emoção sem a Palavra ou a Pa-

lavra sem louvor. Quando o louvor se torna o único objetivo do culto, o extremismo se torna um perigo. Frequentemente o sermão é relegado a um plano inferior, conduzindo-se ou a uma elaborada liturgia ou encorajando-se manifestações carismáticas com gritos, palmas e movimentos corporais. Se as multidões são atraídas para tais encontros, a igreja poderia até mesmo se convencer de que o aumento na freqüência seria uma evidência de crescimento e espiritualidade.

É preciso haver equilíbrio. O louvor expressado em cânticos e testemunhos é um dos elementos vitais numa equilibrada e completa experiência vivida no culto de adoração. Não pode tomar o lugar de outros elementos vitais, nem ser ofuscado por eles. O autêntico culto adventista deve apoiar-se numa estrutura de “liberdade disciplinada”<sup>13</sup>, sujeita a normas e condições derivadas da compreensão adventista da fé baseada em textos como Apocalipse 14:6 e 7.

A experiência do culto adventista pode sempre ser aperfeiçoada de tal modo que se aproxime muito mais do que deveria ser. Mas enquanto buscamos uma renovação no culto, façamo-lo conscientes da necessidade da inclusão dos elementos vitais. Que o autêntico culto adventista seja permeado pela característica da urgência em face da crise escatológica, e que haja sempre um equilíbrio entre os dois principais enfoques: pregação e louvor.

---

#### Referências

1. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 19.
2. *Ibid.*, págs. 35, 41 e 42.
3. Steven Franklin, “The Primacy of Preaching”, *The Covenant Quarterly*, fevereiro de 1990, pág. 5.
4. *Ibid.*, pág. 6.
5. Norman Gulley, “How to Survive the Coming Sunday Law Crisis”, *Journal of the Adventist Theological Society*, vol 2, n° 1 (1991).
6. Ellen G. White, in *Review And Herald*, 3 de dezembro de 1895.
7. Ver meu livro *Sing a New Song* (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1984).
8. William H. Willimon, *The Bible: A Sustaining Presence in Worship*, pág. 34.
9. *Ibid.*, pág. 76.
10. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 16.
11. *Ibid.*, pág. 17.
12. *Ibid.*, pág. 35.
13. J. J. von Allmen, *Worship: Its Theology and Practice*, pág. 104.

# Sinais Vitais de Crescimento e a Igreja Adventista — III

DANIEL J. RODE

Esta é a última parte de nossa análise dos Sete Sinais Vitais das igrejas que crescem, segundo Wagner. Tendo já comentado os primeiros sinais, veremos agora os três últimos.

**Q**uinto sinal vital: Unidades homogêneas.

O quinto sinal vital das igrejas que crescem, diz: “Uma congregação saída principalmente de uma unidade homogênea”. Embora seja certo que este aspecto tenha sido o mais questionado do Movimento de Crescimento com sede no Seminário Teológico Fuller, não entrarei nessa grande discussão. Como já disse antes, acho que esses princípios são ferramentas práticas que podem fazer crescer a Igreja Adventista e qualquer outra em qualquer lugar da Terra.

Um bom início me parece ser a clássica declaração sobre este assunto, de Donald McGavran: “As pessoas querem tornar-se cristãs sem transpor barreiras raciais, lingüísticas ou de classes.” George G. Hunter III, professor de Crescimento de Igreja e Evangelismo na Escola da Missão Mundial E. Stanley Jones do Seminário Teológico Asbury, mostra como este princípio das unidades homogêneas funciona muito bem, ao relatar o caso de um jovem convertido, chamado Ditt, e como por seu intermédio toda a sua parentela se converteu. Essa casta dos Chuhras, Índia, até aquele momento havia sido muito resistente ao evangelho. Depois, ao ser o evangelismo feito em seu estilo e por um “dos seus” a situação mudou radicalmente.

Schaller, especialista em crescimento de igreja e grande escritor sobre o tema, diz

que o princípio das unidades homogêneas foi usado com êxito durante mais de 200 anos nos Estados Unidos e Canadá. Muitas igrejas, nesses países, desenvolveram-se, em grande parte, em grupos homogêneos (raciais, lingüísticos, classe, etc.). Como exemplo, temos a Igreja Metodista Suíça, a Igreja Metodista Italiana, a Igreja Presbiteriana Húngara, etc.

Quando ouvi pela primeira vez que os irmãos de cor tinham suas igrejas separadas dos irmãos brancos e também de outros grupos étnicos, considerei isso um claro racismo anticristão. Pouco a pouco, porém, fui entendendo que não podemos aplicar o cristianismo retroativamente aos que ainda não estão convertidos e se estão aproximando da igreja. Este é um princípio de crescimento de igreja voltado para os não cristãos e que se aproximam de Cristo. Quando se aproximam de Cristo, estas pessoas preferem não precisar transpor outras barreiras.

Se você tiver uma igreja composta de membros brancos e pretos, é bem possível que as visitas em potencial não se aproximem, porque há brancos, e vice-versa. Dessa forma, ambos os grupos são prejudicados. Mais comum ainda é o caso de irmãos ricos e pobres. Muitas vezes temos ouvido dizer: “Não, não posso ir a essa igreja, não tenho roupa, essa é uma igreja de ricos.” Só que os ricos não vão dizer que não vão porque é uma igreja de pobres, mas a prova de que pensam dessa maneira é que é muito difícil um rico se converter por meio de uma igreja pobre. Agora entendo por que a congregação judaica de Basabilvaso, Entre Rios, Argentina, tinha nesse povoado elegante uma

sinagoga para os pobres e outra para os ricos. Dessa forma, ambos os grupos se sentiam bem e sem pressões de espécie alguma.

Não estou dizendo que seja bom fazer distinção; estou dizendo que se deve facilitar às pessoas não convertidas o caminho para Cristo, e não dificultá-lo com outras barreiras desnecessárias. Uma congregação homogênea com estilo de adoração (pregação, música, ordem, etc.) de acordo com cada grupo social e/ou étnico, constituirá um apelo aos membros desse grupo homogêneo e as conversões serão em maior número.

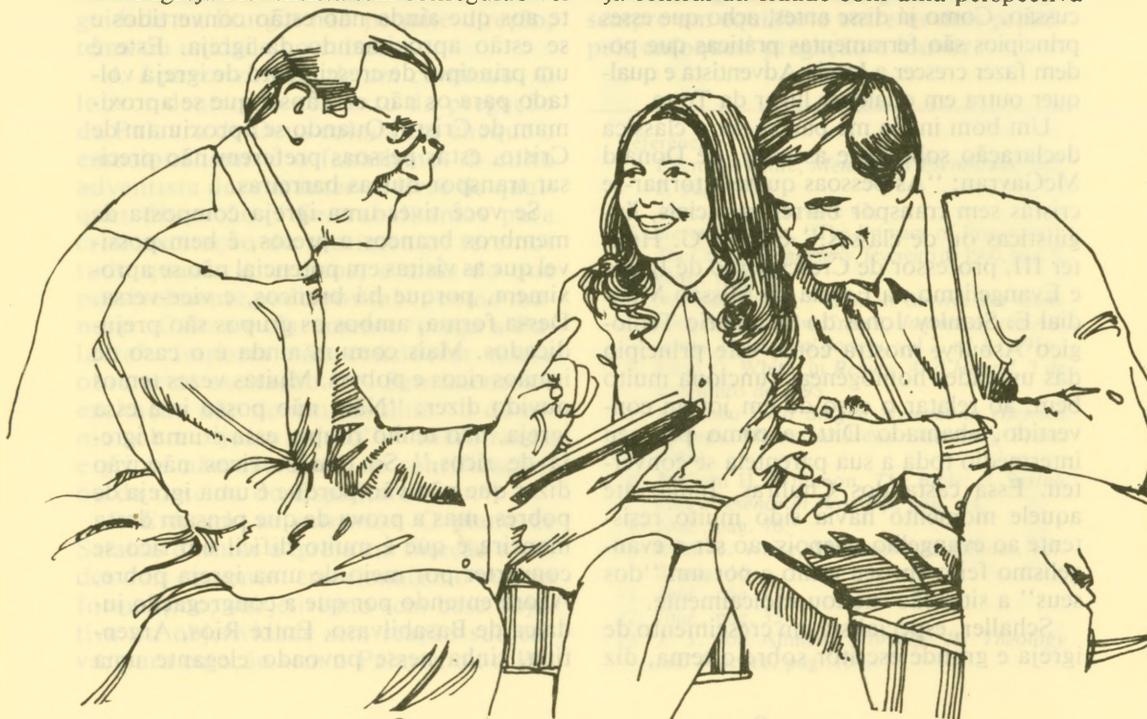
Os teólogos sul-americanos têm sido os mais críticos dos princípios de crescimento de igreja do MCI, e especialmente do princípio das unidades homogêneas. René Padilla, por exemplo, argumentou que o princípio das unidades homogêneas não tem base bíblica. Contudo, na Consulta de Pasadena, sobre Unidades Homogêneas (L.C.W.E. 1978), declarou-se simplesmente que os fatos indicam que “a igreja cresce melhor quando é estabelecida entre grupos sociais étnica e socialmente homogêneos”. E isso é o que importa. Se esse princípio é um instrumento útil, deve-se usar sempre e quando não houver princípios bíblicos contrários. E não creio que o princípio das unidades homogêneas, entendido e visto da maneira correta, vá contra a Bíblia.

A Igreja Adventista tem conseguido ver

maior progresso em suas igrejas, quando se levou em conta os grupos étnicos. Exemplo disso é a igreja de irmãos de cor Éfeso, em Los Angeles, Califórnia. Sob a direção de seu fundador Craig Dossman, essa igreja começou em 1980 com 50 membros, e em fins de 1989 havia atingido 735 membros. Após 10 anos de existência, ainda continua crescendo ao ritmo assustador de 31% ao ano, o mais alto da União do Pacífico. A título de comparação, o crescimento da Igreja Adventista mundial nesse mesmo período foi de 6,8% ao ano.

Depois de uma análise desse assunto, Dudley e Cumings, especialistas em crescimento da igreja adventista, aconselham a que a igreja continue focalizando uma evangelização especializada, levando em conta os pontos fracos e os fortes, e as peculiaridades de cada grupo étnico. Dessa forma, a igreja continuará crescendo cada vez mais.

Quando promovia o desenvolvimento adventista nas Repúblicas do Rio da Prata, o Pastor Vieira notou que este princípio das unidades homogêneas havia sido um fator importante na expansão da fé. Ele analisa de maneira apropriada os erros cometidos contra esse princípio e o retrocesso que trouxe ao crescimento da igreja. Por exemplo, muitas vezes perdemos bons irmãos dos bairros pobres da cidade, pedindo-lhes que freqüentem a igreja central da cidade com uma perspectiva



totalmente diferente. Depois talvez nos lamentemos e encontremos “algumas razões” para essa apostasia. Mas, eram essas as causas?

Talvez tenhamos que aprender com nossos irmãos pentecostais não só sobre o uso de uma música mais de acordo com o contexto de cada grupo social, como também sobre a situação de seus templos. Eles têm a peculiaridade de colocar os seus centros de reuniões em locais onde as pessoas se encontram e com um estilo apropriado ao contexto. Por que pedir às pessoas que transponham outras barreiras culturais e sociais, quando já têm que lutar com a barreira que existe entre o mundo cristão e o não cristão? Facilitemos-lhes a aceitação do evangelho, e teremos não só um acréscimo em o número de conversões, como também um maior crescimento estável, porque as conversões serão mais duradouras. “As pessoas preferem tornar-se cristãs sem precisar transpor barreiras raciais, lingüísticas ou de outra espécie.”

#### Sexto sinal vital: métodos eficientes

O sexto sinal vital diz que as igrejas que crescem possuem “métodos evangelísticos que foram aprovados como eficazes em fazer discípulos”. Não importa o método, deve, naturalmente, ser cristão e eficiente em trazer pessoas a Cristo. McGavran relata a experiência de uma congregação em crescimento, cujo método era simples. Os membros só precisavam decorar textos bíblicos, saber o seu significado e explicá-los. Assim que a série bíblica era terminada, seus nomes eram anotados no mural da igreja, o que constituía certo *status*. Essa espécie de competição se tornou um símbolo dessa igreja. Os membros estimulavam seus parentes a participarem e a se juntarem à congregação. Depois de seis meses, duplicaram o número de membros; e no ano seguinte, tornaram a duplicar.

O importante, nesse ponto, não foi a sofisticação de algum método especial. O método era simples, mas eficaz, e estava unido a dois fatores muito fortes: o companheirismo de uma igreja amável e pastores comprometidos com o crescimento. Todos estes elementos — simples, mas poderosos — juntos trouxeram aquele notável êxito.

**Variedade de métodos.** Muitas vezes temos pretendido colocar todos na mesma

espécie de algum método que se tornou aceito ou no modelo de “meu método”, por várias razões.

Uma Associação adventista na Argentina ia tratar da transferência de um eficiente obreiro para outro Campo. A alegação para a transferência era que esse pastor simplesmente não trabalhava de acordo com o método do Diretor dos Ministérios da Igreja daquele lugar. O método daquele consagrado pastor era simples, mas eficiente em fazer discípulos. Contudo, alguns chegaram a achar que não servia; que era um obstáculo aos planos da Associação simplesmente porque não coincidia com suas estratégias. Os frutos apresentados por aquele pastor eram abundantes, e o seu plano indicava ser o melhor. Esse argumento foi pouco a pouco sendo percebido, até se chegar à conclusão de que “Fulano de Tal” continuava sendo de grande valor para o crescimento da igreja naquele Campo.

Em contraposição à mentalidade daqueles dirigentes, Oosterwal já havia descoberto em 1976 que a variedade de métodos da Igreja Adventista é um dos pontos fortes de seu crescimento contínuo dentro de uma amplidão de grupos sociais, culturais e educacionais. O mesmo fato foi comprovado em 1989, por Dudley e Gruesbeck, no estudo feito entre 219 igrejas da DNA. As igrejas adventistas que mais cresceram naquela Divisão foram as que promoveram uma variedade de métodos.

**Estabelecimento de novas igrejas.** Wagner acredita na variedade de métodos e no realce sobre os fatores que fazem a igreja crescer. Ao mesmo tempo, porém, tem repetido seguidamente: “A fundação de novas congregações é a melhor ferramenta para o crescimento eclesialístico.” Jim Montgomery, do programa “Dawn 2000: 7.000.000 de Igrejas”, acha que um dos métodos poderosos para fazer a igreja crescer é estabelecer novas congregações; por isso, seu objetivo de ter 7.000.000 de igrejas no ano 2000.

Um aspecto importante ao se estabelecerem igrejas é sua localização em relação com a densidade populacional. Já foi mencionado o caso do pouco crescimento da DNA, apesar de haver estabelecido muitas novas igrejas; seu problema, porém, foi não terem sido estabelecidas em zonas rurais, vilas e cidades pequenas. Verificou-se, por exemplo, que a igreja adventista a leste da DNA que tem menos igrejas urbanas e suburbanas cresce menos do que a igreja do oeste, onde há mais

igrejas nas grandes cidades e subúrbios. Geralmente as igrejas adventistas crescem onde é intensa a classe trabalhadora, e onde as pessoas se mudam e a cidade cresce.

Por conseguinte, o realce em estabelecer igrejas nesses centros residenciais e grandes concentrações de pessoas, trará um aumento de membros. Eis a proposta dos pesquisadores do crescimento adventista na DNA. Eles dizem expressamente que há necessidade de se estabelecerem mais igrejas nos grandes centros urbanos e suburbanos, onde a população está crescendo de forma vertiginosa.

Durante o programa "Mil Dias de Coiteira" (1982-1985), na DSA (Divisão Sul-Americana), foi posto em andamento o "Plano Pioneiro", que sugeria fundar novas igrejas a partir da unidade da Escola Sabatina que se separavam da igreja matriz. O resultado foi a conquista do objetivo de 1000 novas congregações, com um notável crescimento de novas igrejas. Segundo o Pastor Vieira, o estabelecimento de novas igrejas é um dos três grandes requisitos para o crescimento adventista na União Austral (Argentina, Uruguai e Paraguai); e ele continua propondo esse método como elemento-chave em seu futuro desenvolvimento.

Concluimos, dizendo que os fatores que levam a igreja a crescer são mais importantes do que algum método "panacéia" que possa aparecer. Segundo, não importa o método, o importante é que seja eficaz em cada contexto em fazer discípulos para Cristo. Terceiro, os métodos devem ser variados, para que possam atingir um mundo diver-

sificado no qual temos que viver. Finalmente, se devemos realçar especialmente um método, o estabelecimento de novas congregações parece ser o mais indicado, segundo o comprovam as viagens do apóstolo Paulo, a história do crescimento eclesialístico e os estudos modernos do crescimento da igreja.

### Sétimo sinal vital: as prioridades da ordem bíblica

O sétimo e último sinal vital das igrejas que crescem, segundo Wagner, diz que as prioridades devem ser dispostas na ordem bíblica. Que significa isso? As prioridades são as seguintes:

Prioridade Um = Compromisso com Cristo.

Prioridade Dois = Compromisso com a Igreja de Cristo.

a. Primeiro: a família, a pequena igreja

b. Segundo: a igreja em geral

Prioridade Três = Compromisso com a obra de Cristo no mundo.

a. Primeiro: a evangelização

b. Segundo: o serviço social.

O crescimento da igreja não é algo que ocorre por casualidade. As igrejas que têm prioridades claras e fazem do crescimento um assunto no qual são focalizadas as atividades, são as igrejas que crescem. Por exemplo, Wagner diz que na medida em que as igrejas estão mais envolvidas na Ação Social (o que inclui aspectos políticos), ao invés de no Serviço Social, elas estarão sujeitas a controvérsias políticas, e seu crescimento diminuirá. Naturalmente, toda regra tem sua exceção, e este é o caso das igrejas de negros nos Estados Unidos.

O conselho de Wagner é escolher um ministério de Serviço Social e deixar a Ação Social para outras organizações. Tem sido esta a posição da Igreja Adventista. Acredito que pelo fato de ter a Igreja Adventista suas prioridades bem organizadas e claras, isso a tem ajudado e continuará ajudando a concentrar-se na missão e num elevado índice de crescimento.

Nesse ponto, a chave é o centro de atenção. As igrejas que dão prioridade à parte do

---

O crescimento da igreja não é obra do acaso. É preciso ter bem claras as prioridades e fazer do crescimento um assunto no qual são focalizadas todas as atividades.

---

---

---

É inútil alcançar o alvo de batismo, enquanto muitos membros não estão se integrando à missão e estão abandonando a igreja, como resultado de um desequilíbrio ou baixo nível nos sinais vitais.

---

---

serviço social sobre o evangelismo, não são as que mais crescem. Wagner diz que as igrejas que crescem “querem crescer e estão dispostas a pagar o preço para crescer”. Há muitos preços para crescer, e um deles é ter as prioridades de acordo com o modelo bíblico, sem permitir que eles se invertam. A Igreja Adventista não deve esquecer a história. Momento houve em que a obra médica, com o Dr. Kellog à frente, quis ficar em primeiro lugar. Ellen G. White foi o instrumento usado por Deus para orientar a igreja, fazendo ver aos dirigentes que nunca o braço direito (obra médica), por mais importante que fosse, devia ocupar o lugar de todo o corpo. Kelly, autor do livro *Por Que as Igrejas Conservadoras Crescem*, estabelece seis características de uma igreja conservadora: 1) Compromisso com os alvos do grupo. 2) Disciplina - disposição para obedecer. 3) Zelo missionário. 4) Absolutismo - crença em que “nós temos a verdade e todos os outros estão no erro”. 5) Conformidade - intolerância para com o que se desvia ou dissidente, e 6) Fanatismo - interesse especial em pregar sua mensagem em lugar de ouvir o que o mundo lhes diz.

De acordo com este parâmetro, descobriu-se que as igrejas mais radicais eram: 1) As Assembléias de Deus e 2) A Igreja Adventista. É interessante saber que, nesse período, a que mais cresceu foi a Assembléia de Deus, com 37%; e, em segundo lugar, a Igreja Adventista, com 36%. Também ficou demonstrado que, quando os membros notam que suas igrejas mantêm elevados

padrões religiosos, quase não há apostasias. Se, como igreja, notamos que a centralização na prioridade do evangelismo nos traz mais conversões, e o senso de elevadas normas ajuda a diminuir a apostasia, na verdade teremos como resultado um aumento no crescimento líquido da igreja. A igreja deve vigiar constantemente, para verificar em que direção vão as maiores quantidades de esforço, dinheiro e recursos humanos, para não permitir que as prioridades sejam apenas teóricas, enquanto na prática são totalmente ao contrário. Em relação com este assunto, creio que existe um perigo em alguns setores da obra adventista na DSA. Em alguns casos o evangelismo e a construção de igrejas estão recebendo exíguos meios, enquanto grandes somas são absorvidas por instituições que prestam serviço social.

---

### Conclusão

---

**A**ssim como o corpo humano tem quatro sinais vitais (respiração, pulso, pressão e temperatura), a igreja, segundo Wagner, também tem seus sinais vitais (o pastor, os membros leigos e seus dons, os serviços, celebração + congregação + célula = Igreja, as unidades homogêneas, os métodos e as prioridades). O corpo humano precisa ser checado de quando em vez em seus sinais vitais, para assegurar-se de seu bom funcionamento; embora aparentemente esteja crescendo, recebendo a correta alimentação e funcionando aparentemente bem. Da mesma forma, creio que os líderes devem examinar periodicamente o nível destes sinais vitais.

Nada vale ter um grande número de batismos, enquanto muitos irmãos não se estão integrando à missão e estão abandonando a igreja pela porta dos fundos, como resultado de um desequilíbrio ou baixo nível nos sinais vitais. Esse exame pode ser feito pela simples observação ou mediante uma pesquisa entre os membros da igreja e a comunidade que a cerca.

Dessa forma, o resultado será um elevado nível de batismos, mas também um sólido e constante crescimento da igreja. Deus abençoe Sua obra em todo o mundo, para que ela chegue a todas as extremidades da Terra e Jesus possa vir logo.

# Missão Global, minha missão

J. DAVID NEWMAN

Editor do Ministry



## **Missão Global**

Quando você adentra o saguão do escritório central da Associação Geral, em Silver Spring, Maryland, logo perceberá um imenso globo que gira suavemente, exibindo a topografia da Terra.

Sua atenção é logo atraída para várias placas ao redor da base do globo, nas quais estão escritos os nomes das Uniões e Divisões. Aparentemente não existe qualquer conexão entre elas e o globo. *Spots* ocultos lançam um

raio de luz sobre cada lugar do globo onde existe um escritório da Associação Geral. Entretanto, a última vez que essas luzes funcionaram, foi há seis meses atrás. Fui informado da dificuldade que existe para manter as luzes sempre acesas, pois as fibras incandescentes não resistem e queimam constantemente.

Acontece que sem as luzes, o globo não passa de uma obra-de-arte. Eu o vejo todos os dias, quando me dirijo ao meu escritório. Vê-lo girando sem as luzes, faz-me voltar a atenção para a Igreja. Estaria a nossa Igreja mundial constantemente em movimento, mas com pouca luz? Será que nosso progresso no cumprimento da Missão evangélica é inferior ao que achamos que é?

Temos ouvido excitantes notícias a respeito do sucesso da Igreja ao redor do Mundo. Alegramo-nos pelas pessoas que aceitam a Cristo, e olhamos felizes para o futuro, à cada vitória obtida na Missão Global. Mas é possível que a despeito do otimismo, euforia, movimentação e poder não sejamos como gostaríamos de ser. Será que estamos progredindo sem luz suficiente? Será que o crescimento da Igreja é unilateral? Dar-se-á o caso de que nossas estatísticas não sejam tão exatas como deveriam ser?

Eu creio no crescimento da Igreja e no evangelismo. Estou fazendo preparativos para dirigir uma grande série evangelística em Durban, África do Sul, e tenho me questionado quanto ao que acontecerá nestas reuniões. Não quero que sejam semelhantes a outras reuniões sobre as quais já ouvi falar. Os batismos são importantes, mas existe algo ainda mais importante. Dejo fazer discípulos para Jesus Cristo.

### Problemas no evangelismo

**E**stá nosso mundo vivendo sem luz? Um grande amigo, secretário ministerial de uma União, falou-me a respeito de uma campanha que resultou em mil batismos. Um ano após, ele viajou para aquela localidade a fim de fazer uma avaliação de longo prazo, dos resultados. Ele encontrou apenas 57 das 1.000 pessoas que haviam sido batizadas. As 943 restantes continuavam com seus nomes no livro da igreja, e provavelmente continuarão ali nos anos por vir.

Durante a Colheita 90 muitos administradores sentiram-se fortemente pressionados a alcançar seus alvos. Um presidente de Campo teve dificuldades para atingir a meta proposta. Então ele chamou o responsável pela campanha, e ofereceu-lhe sete fardos de roupas em troca dos mil batismos. Ao findar o ano ele apresentou 953 pessoas, número suficiente para poder receber as roupas. Entretanto, aquelas pessoas pouco sabiam a respeito do adventismo, e muito menos sobre o evangelho.

Recentemente, William Johnson, editor da *Adventist Review*, entrevistou o Pastor David Lin, secretário da Divisão chinesa. O Pastor Lin referiu-se a semelhantes pressões para alcançar resultados na Divisão da China. Ele contou de vários pastores que convidavam amigos e parentes para as reuniões, e então apelavam para que se deixassem batizar. Eles aceitavam a proposta não porque amassem a Jesus ou aceitassem a Sua salvação, mas devido à consideração que tinham por aqueles pastores.

Os registros de membros da igreja estão inchados em algumas áreas. Há oito anos, uma Associação decidiu tomar alguma providência, com respeito a 14.155 pessoas, perdidas em um ano. Conseqüentemente deixou de ser o maior Campo da União e passou a ocupar o terceiro lugar em número de membros.

Eu concordo que os exemplos citados são incidentes isolados, pequenas interferências no grande plano evangelístico da igreja. (Escreva-me caso saiba de algum episódio semelhante em sua área de trabalho). É incômodo identificar fatos desagradáveis com respeito à nossa obra. Quem gosta de ser agente de más notícias? É mais encorajador e agradável orar a Deus pelos milagres que têm acontecido em algumas áreas, como por exemplo, na ex-União Soviética, do que tratar com problemas. Mas a não ser que sejamos honestos e humildes, acharemos que estamos bem, progredindo, a despeito da pouca luz.

### Igreja laodiceana

**A**dmitimos que somos a Igreja de Laodicéia. Mas não gostamos de ser identificados com o “infeliz, miserável, pobre, cego e nu” (Apoc. 3:17).

Preferimos achar que somos ricos e bem-sucedidos.

Ellen White foi extremamente positiva a respeito da Igreja. Sem seus conselhos nossa organização não teria chegado a ser o que é hoje. Contudo, devemos cuidar para não cair na mesma cilada que os judeus, quando declararam, “Nós somos descendência de Abraão”, e então crucificaram o Messias. Podemos nos vangloriar de ser a igreja remanescente, e ao mesmo tempo ser falsas testemunhas do evangelho.

Ellen White profetizou a respeito de nossa igreja, dizendo que “a Igreja Adventista do Sétimo Dia será pesada no juízo do santuário. Ela será julgada com base nos privilégios e vantagens que recebeu. Se a sua experiência espiritual não corresponder às vantagens que Cristo com infinito custo lhe concedeu, se as bênçãos que lhe foram conferidas não a qualificaram para fazer a obra confiada, então sobre ela será pronunciada a sentença: ‘achada em falta’. Pela luz recebida e oportunidades dadas, será ela julgada”<sup>1</sup>

Mas você pode dizer: “Não estamos nós como povo sendo bem-sucedidos? Isto significa que estamos fazendo a vontade de Deus”. Pense um pouco. Não estariam, por acaso, alguns de nosso povo, e alguns de nossos pastores e evangelistas sendo motivados por razões ou-

---

— Ao mencionarmos a tríplice mensagem angélica, o que é colocado em evidência? A marca da besta? O sábado? O santuário? Ou a cruz de Cristo? Ellen White nos lembra que a “justificação pela fé... é em verdade, a terceira mensagem angélica”. Mas quantos de nossos membros reconhecem isso?

---

tras, alheias à cruz de Cristo? As Testemunhas de Jeová são uma das religiões que mais crescem no mundo, apesar de sua religião estar repleta da justiça pelas obras. Eles nada sabem a respeito da cruz e da justiça imputada de Cristo, entretanto, seus membros estão batendo de porta em porta, e muitas vezes humilhando os membros de nossa igreja. Os Mórmons são também uma das religiões que mais crescem. Muitos deles sacrificam dois anos de vida para testemunhar de sua fé, e provavelmente se referem a si mesmos como uma prova das bênçãos de Deus.

As pessoas unem-se aos grupos religiosos por vários motivos. Muitas sentem a necessidade de uma vida estruturada. Elas carecem de um objetivo, e se impressionam com um grupo que possui crenças tão sólidas. As pessoas prefeririam antes unir-se a uma igreja conservadora, do que a uma igreja liberal — mas será que elas o fariam por motivos corretos?

Os judeus do Velho Testamento eram o povo de Deus. Deus lhes concedera muita luz. Entretanto, Jesus denunciou sua motivação nos seguintes termos: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós” (Mat. 23:15). O crescimento estatístico não é em si mesmo garantia da verdade. Na verdade, isso pode levar-nos a uma falsa segurança.

Quando menciono a tríplice mensagem angélica, qual é a primeira coisa que vem à sua mente? A marca da besta? O sábado? O santuário? ou é a cruz de Cristo? É a justificação pela fé? Ellen White nos lembra que a “justificação pela fé... é em verdade, a terceira mensagem angélica”.<sup>2</sup> Mas quantos de nossos membros reconhecem isto? Eles vêm a cruz na essência do adventismo?

#### A cruz em foco

---

**Q**ue posso fazer para tornar a Missão Global, minha missão? O que conferiu poder ao testemunho da igreja primitiva? Ela pregava a Jesus Cristo e Ele crucificado, como a única solução para o mundo.

---

— O testemunho da igreja primitiva foi poderoso porque ela pregava a Jesus Cristo, e Ele crucificado, como a única solução para o mundo. Esta é uma teologia básica para toda igreja cuja tendência tem sido um crescimento rápido: Jesus e a cruz.

---

Paulo escreveu aos Coríntios dizendo: “Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo. Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. ... Mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (I Cor. 1:17 e 18, 23 e 24).

Então ele conclui a introdução de sua carta com estas poderosas palavras: “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado” (I Cor. 2:2). Jesus disse: “E Eu, quando for levantado da Terra, todos atrairei a Mim mesmo” (João 12:32). Pedro declarou: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12).

Há algum tempo conversei com uma jovem, membro de nossa igreja. Os médicos descobriram um tumor em seu abdômen e decidiram que ela deveria ser internada num hospital. É natural que ela estivesse curiosa quanto a saber se era um tumor cancerígeno. Ela me disse que estava aterrorizada, ante a pos-

sibilidade de morrer e deixar duas pequenas crianças sem mãe. “Posso orar e pedir que Deus mostre minha condição? Será a vontade de Deus que meus filhos sejam deixados sem mãe”? Ela disse.

Como você responderia a essas perguntas? Que aspectos teológicos poderia você usar? Qual das 27 doutrinas poderia ajudá-lo? Tudo o que eu podia fazer era apontar para ela o Calvário. Eu disse: “Não posso responder sua pergunta, mas posso dizer-lhe que Deus ama você. A cruz prova isso. Deus nos ama tanto que veio a esta Terra como uma de Suas criaturas. Ele morreu de modo horrível e cruel. Se Deus não nos amasse, teria evitado o Calvário. Confie em Jesus. Olhe para além de você mesma. Olhe para a cruz, e Deus lhe responderá”.

Isto aconteceu entre o intervalo da Escola Sabatina e o sermão do sábado. Decidi visitá-la na noite que antecederia o dia da cirurgia. Infelizmente, uma emergência levou-me a fazer uma viagem e só retornei bem tarde naquela noite. Quando falei para ela que estivera envolvido numa reunião, ela disse:

“Está tudo bem pastor; Eu agora estou em paz. Eu fiz o que você disse. Eu me dirigi à cruz e agora estou feliz; Eu tenho certeza de que Deus deseja o melhor para mim e minha família.”

Eu a visitei num sábado, um dia antes de viajar para as reuniões do Concílio Anual na Austrália. Um largo sorriso transparecia em seu rosto. O tumor não era maligno, e juntos nos rejubilamos.

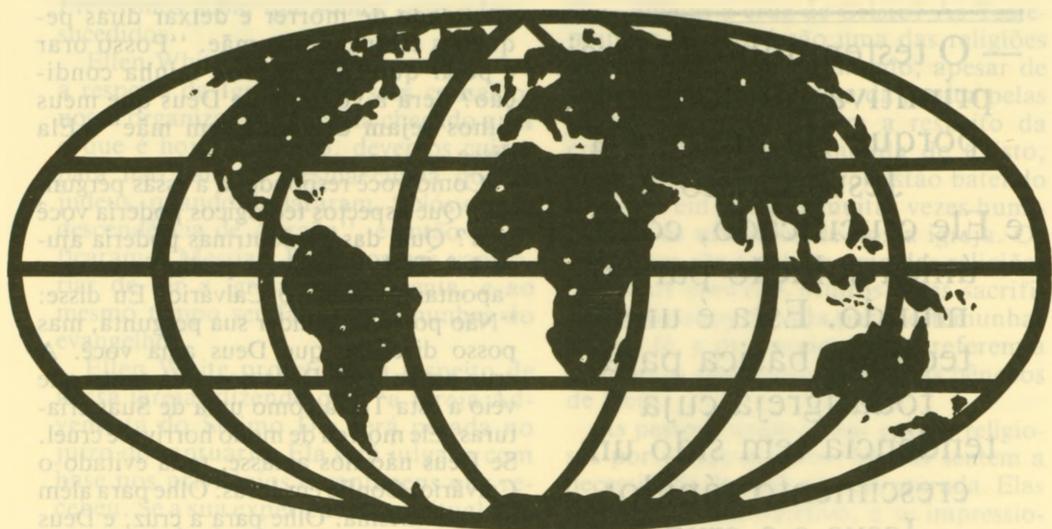
---

### O que faz a diferença?

---

**A** igreja da celebração iniciou seu movimento em Washington D.C. A primeira reunião aconteceu no sábado 26 de setembro. Doze famílias distribuíram 300 convites entre amigos e parentes, e o resultado é que 3.025 adultos e crianças reuniram-se ali para a primeira experiência de culto. O plano inicial era reunir-se uma vez por mês, durante quatro meses. Certamente os evangelistas ficariam felizes com tal resposta como fruto de tão poucos convites.

O que fez a diferença? Eles fizeram de



Jesus Cristo, e Ele crucificado, o motivo de sua missão. As pessoas foram atraídas para a cruz, e em consequência buscaram uma igreja onde Jesus Cristo era o centro da pregação e dos cânticos. Enquanto a nova igreja cresce num ritmo acelerado, as igrejas adventistas mais próximas apresentam um baixo índice de crescimento, em função, é claro, de que os seus membros não convidam seus amigos e vizinhos para os cultos sabáticos.

Por que não? A resposta tem graves implicações para nossa igreja. Aquelas pessoas estão buscando reviver a igreja do Novo Testamento. Elas estão em busca do mesmo fogo e entusiasmo que abalou as autoridades judaicas e o mundo romano, e que também nos assusta hoje. Estão apaixonadas por Jesus Cristo e ansiando por Seu breve retorno.

Mas existe um perigo, e por isso, quero esclarecer o que declarei quanto à igreja da celebração. Atualmente muitas igrejas tidas como celebração estão apenas inovando através do uso de música contemporânea e outras coisas. A maior parte dessas igrejas adotaram o programa da celebração influenciadas pelo movimento em outros lugares. Existe (e eu percebo isso) uma teologia que é básica para algumas igrejas cuja tendência tem sido um crescimento rápido. Jesus e a cruz é o ponto básico para a interpretação dessa teologia, ao passo que nós nos apoiamos no modelo das doutrinas tradicionais adventistas. Essas igrejas estão reagindo contra o

legalismo e a rigidez doutrinária em nossa igreja.

Um jovem de 22 anos de idade com o qual tenho conversado longamente, disse-me há duas semanas: “Eu cresci na Igreja Adventista. Meus pais acreditam nas doutrinas e estudam a Bíblia diariamente. Mas tudo de que me lembro de ter ouvido na igreja tem que ver com ‘não faça’ e ‘deves’. Você não deve fazer isto no sábado; você não deve comer isto ou vestir aquilo; você não deve ir ali, ou, tome cuidado com isto. Você deve viver uma vida correta, a fim de que seu nome não seja apagado dos registros do santuário celestial; você precisa devolver os dízimos; você deve estudar a lição da Escola Sabatina; você deve ir às reuniões. Você deve... Não faça. ...”

Ele continuou dizendo: “Você crê que é possível fazer com que a Igreja Adventista centralize suas doutrinas em Cristo. Eu e outras pessoas que fazem parte da nova igreja, acreditamos que isto é uma impossibilidade. O navio adventista está tão impregnado com este mal, que é impossível limpá-lo. Nós preferimos construir um novo navio — um navio livre de alguns distintivos”.

Se esta é a base dos que buscam a verdadeira “celebração” (a qual não tem sido até agora bem compreendida), chegamos então à conclusão de que algumas dessas igrejas deixarão a denominação. O Sábado é o único elo de ligação que ainda existe, e que dificulta a independência dessas igrejas.

**N**este aspecto, nossa igreja enfrenta um dilema. Devemos à semelhança de Paulo fazer de Cristo e Ele crucificado, a nossa mensagem — a mensagem que galvanizou a igreja primitiva e que trouxe milhares de pessoas para suas fileiras? Ou pregaremos qualquer outra mensagem?

Alguns temem que a ênfase sobre a mensagem da cruz minimize a questão da vitória sobre o pecado. Entretanto, a vitória só é possível quando nos lançamos sobre a cruz. Justificação pela fé é algo que Deus providenciou por intermédio de Cristo, dois mil anos atrás. Não é o que Deus faz em nós e sim o que Ele fez por nós. Ellen White mostrou-se preocupada com essa questão, quando afirmou: “Alguns de nossos irmãos têm expressado temores de que nos demoremos demasiado no assunto da justificação pela fé, mas espero que ninguém fique desnecessariamente alarmado, e oro nesse sentido; pois não há perigo em apresentar essa doutrina como é exposta nas Escrituras. Se não tivesse havido, no passado, negligência em instruir adequadamente o povo de Deus, não haveria agora necessidade de para isso chamar a atenção especial. ... As grandíssimas e preciosas promessas que nos são dadas nas Escrituras têm sido perdidas de vista em extensão demasiado grande, exatamente como o inimigo de toda a injustiça pretendia que fosse. Lançou ele sua sombra negra entre nós e nosso Deus, para que não vejamos o verdadeiro caráter divino. O Senhor proclamou-Se a Si mesmo como sendo ‘misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade’.”<sup>3</sup>

Comparo o evangelho a uma gravura, e as doutrinas da Igreja Adventista, a uma moldura. Você não precisa de uma moldura para mostrar a gravura, mas, uma bem escolhida moldura certamente atrairá a atenção para o quadro e mostrará sua beleza.

O problema ocorre quando a moldura torna-se tão dominante que chega a suprimir a gravura. Atualmente as pessoas falam mais da moldura, do que da gravura. Qualquer que seja a intenção, tal ên-

fase somente obscurece a verdade.

Nossas 27 doutrinas fundamentais são um exemplo disso. A salvação é apresentada como uma das 27, mas ela é mais do que uma das 27. Exclua a salvação das 27 doutrinas, e ainda que observe as 26 restantes, você não entrará no Céu. Mas se você mantiver a salvação e eliminar as 26, ainda assim você poderá entrar no Céu (Eu não estou com isto dizendo que uma pessoa que deliberadamente rejeita as 26 doutrinas fundamentais, ainda assim entrará no Céu. Jesus disse: “Se você me ama, guardará os Meus mandamentos”. Na verdade, as 26 doutrinas não são a base da salvação). Tenho dito algumas vezes, que é mais difícil entrar na Igreja Adventista do que entrar no Céu, pois apenas uma coisa é necessária para entrar no Céu — fé — ao passo que 27 são exigidas para entrar em nossa igreja.

### A gravura e a moldura

**S**e desejamos que nosso povo faça da Missão Global a sua missão, devemos então fazer com que Jesus seja o tema proeminente. Devemos tornar claro como cristal, o fato de que nossa salvação não depende de alguma coisa que fazemos, ou de alguma mudança que ocorra em nós, mas daquilo que Deus fez em Cristo no calvário. Somos salvos em função do que Cristo fez e não pelo que nós podemos fazer. Sempre que olhamos para nossos próprios méritos; sempre que enfatizamos nossa participação, nossa justiça própria, acima da justiça imputada de Cristo, obscurecemos a gravura. Supervalorizamos a moldura. A solução para os problemas da humanidade não é a reforma de saúde, ou o sábado, etc., mas Jesus.

“Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (I Cor. 2:2). Isso não significa que Paulo não tenha tratado de outros assuntos em sua carta aos Coríntios. Mas é surpreendente o fato de quão pouco o Novo Testamento diz a respeito da guarda do sábado, dízimos, alimentos imundos, adornos e outros itens. Todos os princípios podem ser encontrados ali, mas a ênfase sobre

detalhes é pequena, a não ser quando se refere a uma situação específica. Nossa tendência é exaltar a aplicação e minimizar o princípio.

Como faremos para ajudar nossos irmãos a recuperarem o mesmo espírito que existia no pentecostes — o mesmo entusiasmo, a mesma alegria, a mesma paz? Creio que precisamos reconsiderar a redação de nossas 27 doutrinas fundamentais. Eu gostaria de ver a cruz e o plano da salvação situados em primeiro lugar, no plano das 27, e torná-los o fundamento de nossas doutrinas. Então, sob sua clara ênfase, mostrar como as seguintes 26 doutrinas emolduram o evangelho, sem obscurecê-lo.

Substituindo a analogia, as 26 doutrinas são o engaste no qual o diamante, o evangelho, é colocado. Todo joalheiro sabe que o valor está na gema, e que a beleza e a cor podem ser valorizadas ou prejudicadas, dependendo do tipo de engaste que for utilizado. Nenhuma pessoa se enganaria no momento de fazer a diferença entre a gravura e a moldura. Pois é exatamente isto que está acontecendo com nossa igreja.

Eu gostaria de ver isto votado em nossa próxima sessão da Associação Geral, além da ênfase na Missão Global sendo feita por causa de uma pessoa, Jesus Cristo (se você concorda, entre em contato comigo). As pessoas viriam para a nossa igreja porque elas amam a Jesus, e não por terem sido impressionadas por uma lógica apresentação doutrinária. Se desejamos ajudar o mundo a sair da completa desordem em que se encontra, devemos deixar que o mundo saiba que pregamos a Cristo e Ele crucificado. Quando as pessoas ouvirem o nome Adventista do Sétimo Dia, uma imagem da cruz surgirá em suas mentes, em lugar de uma de nossas doutrinas peculiares.

Deus comissionou nossa igreja para realizar a mesma obra que João Batista realizou, quando anunciava a primeira vinda de Jesus. Devemos viver o estilo de vida de João, o qual credenciou a sua mensagem. Viver piedosamente é importante. Infelizmente nossa mensagem relativa ao estilo de vida tem degenerado numa ênfase a meia dúzia de aspectos, que nos torna diferentes — e além disso, pensamos que podemos viver como nos agrada. Isso tem gerado todo tipo de contradições, e

tem levado muitos do nosso povo a pensar em desistir, mesmo desses poucos padrões, pois eles se perguntam o motivo porque tais padrões são mais importantes do que uma dezena de outros sobre os quais a Igreja não se pronuncia.

Necessitamos lembrar a nós mesmos, o que significa ser um discípulo de Cristo. A comissão evangélica é muito mais do que batismos; é fazer discípulos que reflitam o caráter de Jesus.

Ao retornar para a Associação Geral, desejo ver os *spots* iluminando o globo. Também desejo que ao fazer planos no Concílio Anual, a Igreja tenha outros interesses além de números, estatísticas, crescimento, movimento, etc. É possível ter todas essas coisas, sem Jesus Cristo. Desejo que passemos a olhar constantemente para a cruz. Enquanto olhamos para o futuro, para a Sua segunda vinda, devemos constantemente olhar dois mil anos atrás, para a Sua primeira vinda.

Quando fizermos isso, Deus nos capacitará para realizar a obra, de uma maneira que não imaginamos. Sua glória iluminará a Terra. Todas as pessoas deverão fazer sua decisão, contra ou a favor de Jesus. Ele virá, e nossa Missão Global terá sido completada. Nós viveremos eternamente com Ele.

E. White nos faz lembrar que: “Cristo crucificado — em palavra, em oração, e cânticos é quem abrande e cativa corações. Este é o poder e sabedoria de Deus para ganhar almas para Cristo”.<sup>4</sup>

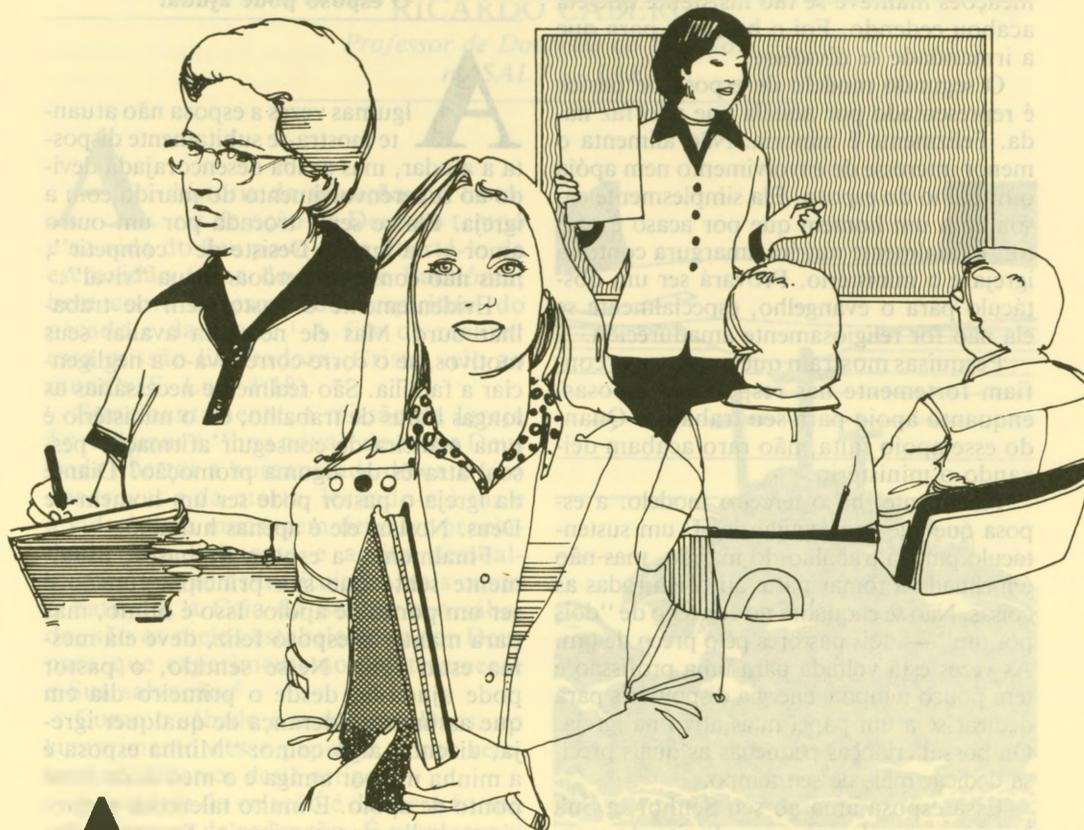
“Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado” (I Cor. 2:2).

1. Ellen White, *Testimonies*, vol. 8, pág. 247.
2. Ellen White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 372.
3. *Idem*, pág. 372.
4. Ellen White, *Testimonies*, vol. 6, pág. 67.

# O papel da esposa do pastor

ELLEN BRESEE

Coordenadora da AFAM Internacional



**A**tribuir um papel específico à esposa do pastor, nos dias atuais, pode significar a causa de considerável desconforto e frustração às pessoas que nutrem muitas expectativas a seu respeito e a ela própria.

Em certa igreja, uma senhora dirigiu-se à esposa do recém-chegado pastor e indagou: "Você é professora?" A jovem esposa respondeu: "não". "Bem, você toca piano?" Novamente a resposta: "não, sinto muito". Girando sobre os calcanhares, aquela irmã afastou-se bruscamente. De-

pois disso, raramente falava com a esposa do pastor. Evidentemente imaginara que ela fosse capaz de fazer as duas coisas, e não pôde aceitar que fosse diferente.

## Três tipos de esposa

**C**omo deve uma esposa de pastor responder às expectativas quanto ao seu papel na igreja? Para encontrar uma resposta apropriada para essa per-

gunta, vamos considerar três modelos de esposa de pastor.

O primeiro modelo é aquela que pretende fazer tudo. Tenta reunir cada expectativa congregacional. Partilha, lado a lado com o esposo, seu zelo e missão. Pode dizer que se sente chamada para ser esposa de pastor.

O perigo desse estilo é que ele pode gerar certos problemas e perturbações em virtude do excessivo envolvimento. Uma esposa foi solicitada para servir à igreja de seu marido, como anciã. Inicialmente recusou. Entretanto, a comissão de nomeações manteve-se tão insistente que ela acabou cedendo. Foi o bastante para que a irmandade se dividisse.

O segundo modelo de esposa de pastor é representado por aquela que não faz nada. Felizmente é minoria. Não alimenta o menor interesse de envolvimento nem apoia o trabalho do esposo. Ela simplesmente casou com um homem que por acaso é pastor, e fatalmente nutrirá amargura contra a igreja e o ministério. Provará ser um obstáculo para o evangelho, especialmente se ela não for religiosamente amadurecida.

Pesquisas mostram que os pastores confiam fortemente nas respectivas esposas, enquanto apoio para seu trabalho. Quando esse apoio falta, não raro acabam deixando o ministério.

Finalmente, há o terceiro modelo: a esposa que age com equilíbrio. É um sustentáculo para o trabalho do marido, mas não é inclinada a tomar parte ativa em todas as coisas. Não se enquadra no conceito de “dois por um” — dois pastores pelo preço de um. Às vezes está voltada para uma profissão e tem pouco tempo e energia disponíveis para dedicar-se a um papel mais ativo na igreja. Ou possui crianças pequenas às quais precisa dedicar mais de seu tempo.

Essa esposa ama ao seu Senhor, a Sua Igreja, mas valoriza o seu direito de escolher piedosamente onde e como deve estar envolvida. Ela não se sente obrigada a aceitar qualquer outra função que lhe seja imposta, só porque é esposa do pastor. Mesmo assim apoia de todo o coração o trabalho do marido.

Qualquer que seja o papel que deve desempenhar, a esposa do pastor tem o direito de escolhê-lo por si mesma. Ela necessita de coragem e força para ser ela mesma. Deve aceitar amavelmente o trabalho para o qual se sente capacitada, e confortavelmente dizer não àquele que julga ser-lhe inadequado.

Muitas esposas são extremamente leais ao esposo e à Igreja. Embora o seu papel tenha sofrido muitas mudanças nos últimos anos, muitas delas não escondem a felicidade sentida pelo envolvimento com o ministério. Indubitavelmente casariam de novo com um pastor, se fosse o caso. Possuem talentos especialmente direcionados ao trabalho da igreja, e garantem que o exercício dessa vocação produz um tal sentimento de realização pessoal que nenhuma outra coisa pode proporcionar.

### O esposo pode ajudar

**A**lgumas vezes a esposa não atuante mostra-se subitamente disposta a ajudar, mas acaba desencorajada devido ao superenvolvimento do marido com a igreja. Ela se sente trocada por um outro amor — a igreja. Desiste de “competir”, mas não consegue perdoar a sua “rival”.

Evidentemente o pastor tem de trabalhar duro. Mas ele necessita avaliar seus motivos, se o corre-corre leva-o a negligenciar a família. São realmente necessárias as longas horas de trabalho, ou o ministério é uma maneira de conseguir afirmação pessoal através de alguma promoção? Diante da igreja o pastor pode ser um homem de Deus. No lar, ele é apenas humano.

Finalmente, a esposa de pastor usualmente sente que sua principal função é ser um ponto de apoio. Isso é ótimo, mas para manter o esposo feliz, deve ela mesma estar feliz. Nesse sentido, o pastor pode ajudá-la, desde o primeiro dia em que assumir a liderança de qualquer igreja, dizendo algo como: “Minha esposa é a minha melhor amiga e o meu mais forte ponto de apoio. É muito talentosa e aprecia trabalhar para a igreja. Por outro lado, ela não se sente vocacionada para áreas como magistério ou música. Seus dons são outros, e ela se sentirá muito feliz fazendo justamente aquilo para o que se sente capaz.”

As pessoas serão mais compreensivas quando conhecerem a sua posição desde o início.

Sim, nós podemos contribuir para que a esposa do pastor seja feliz. Deixemos que ela use seus próprios dons e escolha seu papel. Então vamos apoiá-la em sua escolha.

# O sábado e a experiência da salvação

RICARDO CABERO

*Professor de Doutrina do Sábado,  
no SALT — IAE*

A história da salvação é a história da ação de Deus no tempo e na vida do Seu povo para libertá-lo da escravidão física do Egito e Babilônia, bem como da escravidão espiritual do pecado e da morte.<sup>1</sup> A fim de realizar essa missão libertadora, Cristo veio ao mundo (S. Luc. 4:18).

Semelhantemente, a missão da Igreja é proclamar a “boa nova” de como Deus pode libertar a humanidade do cativo das trevas e da morte, levando-a à luz e à vida.<sup>2</sup> Essa mensagem deve ser proclamada mundialmente e aceita pessoalmente.<sup>3</sup> Algumas instituições, tais como o batismo, a Ceia do Senhor e o sábado, são os meios estabelecidos por Deus para que experimentemos efetivamente a Sua salvação.<sup>4</sup>

Como o sábado é usado por Deus, no cumprimento desse papel, é o que veremos no decorrer deste artigo.

A história da criação é de certa forma um processo de redenção. É a passagem da desordem para a ordem; do caos para o cosmos. Nesse contexto, o sábado da criação revela o propósito do primeiro ato redentivo de Deus. Ele nos diz que Deus criou o mundo não apenas pelo prazer de fazer algo novo e bonito a partir da matéria informe, senão, especialmente, para compartilhar Sua própria existência com Suas criaturas. Tanto é assim que quando o pecado estragou as perspectivas de uma vida feliz na presença de Deus, o sábado se converteu no símbolo da tentativa divina para



restaurar as relações rompidas pela queda.

Assim, o sábado — símbolo das grandes realizações *cosmológicas* de Deus no passado, ao fazer surgir do caos um mundo perfeito —, passou a ser o símbolo das realizações *soteriológicas* de Deus no futuro. Noutras palavras, de um símbolo da entrada inicial de Deus no tempo do homem, para abençoá-lo, o sábado passou a simbolizar a entrada futura de Deus na carne humana para tornar-Se “Emanuel, Deus conosco”.<sup>5</sup> O mundo foi criado para que o Hóspede do sábado, Jesus

Cristo, pudesse entrar e habitar nele. A encarnação não foi uma operação-resgate decidida após a entrada do pecado. É o cumprimento dos propósitos de Deus na criação do mundo. A finalidade última da criação e a finalidade última da redenção se identificam na realização dos objetivos que Deus havia simbolizado no descanso do sábado.<sup>6</sup>

### Sinal da era messiânica

O sábado é também símbolo das realizações *escatológicas* de Deus. No Antigo Testamento o repouso sabático é usado para descrever não só a vivência do descanso semanal mas também a aspiração “à paz nacional”,<sup>7</sup> a paz ou “o descanso de todos os seus inimigos”, como conseqüência das vitórias de um rei,<sup>8</sup> bem como “o lugar de descanso” que Deus ocupava no meio do Seu povo, no Templo de Sião.<sup>9</sup>

A paz e o repouso do sábado que, como aspirações políticas, permaneceram sem cumprimento, converteram-se em símbolo da era messiânica chamada de “o fim dos tempos” ou “o mundo porvir”. Indubitavelmente, as duras experiências do deserto e do exílio obliteraram a visão do sábado edênico como paradigma da felicidade vindoura. De fato, a nova era, geralmente identificada como a era messiânica, é descrita em termos de abundância material,<sup>10</sup> justiça social,<sup>11</sup> harmonia entre os homens e os animais,<sup>12</sup> extraordinária longevidade,<sup>13</sup> radiante luminosidade,<sup>14</sup> e ausência de dor e morte.<sup>15</sup>

Talvez não seja mera coincidência que duas das três passagens nas quais Isaías menciona o sábado, estejam relacionadas com o tempo do fim, e que empregue os termos “alegria” e “honra” tanto em suas descrições do sábado como nas do dia da restauração final.<sup>16</sup> A razão é clara: a alegria e o gozo que caracterizavam aquele dia estão ao nosso alcance, hoje, no sábado. Destarte, a experiência do descanso sabático semanal unificou as aspirações nacionais de Israel pelo repouso de Canaã e do santuário de Jerusalém, assinalando a futura ordem de coisas na qual o Messias traria definitiva paz e descanso. Assim, o “tempo da salvação” chegou a ser sinônimo de “sábado e repouso pleno”.

O sábado, na sua condição de dia de descanso, é um símbolo de libertação física e espiritual, e da mais efetiva expressão divina de redenção. Daí que ele aparece nas Escrituras frequentemente associado ao tema da salvação. Nas duas menções do Decálogo, Deus Se apresenta como o Salvador de Seu povo: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão”.<sup>17</sup> Para garantir que cada um dos Seus filhos desfrutasse dessa liberdade recentemente adquirida, o Senhor ordena no quarto mandamento, que se lhes assegure o descanso: “não farás nenhum trabalho: nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro”.<sup>18</sup>

A relação existente entre a libertação do Egito e o sábado é mencionada claramente quando se diz: “lembrarás que foste servo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou dali com mão poderosa. . . pelo que o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o dia de sábado”.<sup>19</sup> Aqui a razão para a observância do sábado é a afirmação absolutamente fundamental para Israel de que o Senhor libertou o Seu povo do Egito. Cada sábado Israel deve lembrar que Deus é seu libertador.

E isso por que, primeiramente, só sendo vivamente consciente dos benefícios recebidos, pode alguém sentir e expressar plenamente sua gratidão a Deus. Recordá-Lo como Criador, significa reconhecê-Lo como a causa primeira da existência. Mas, como a criação pertence a um longínquo passado, é difícil que nos atinja pessoalmente. Já a redenção, pelo fato de ser a intervenção constante de Deus na história, afeta-nos de um modo direto e imediato em nossas necessidades. A libertação da escravidão egípcia é o símbolo de uma libertação que não se limita a um determinado país ou período da história, mas que pode acontecer, em certo sentido, em cada país, cada época, e em cada alma.

Em segundo lugar, o sábado deveria ser lembrado para suscitar a compaixão dos israelitas para com seus servos no trabalho. Ao tempo em que recordavam sua

---

## Símbolo das realizações cosmológicas de Deus no passado, o sábado passou a ser o símbolo das realizações soteriológicas de Deus no futuro.

---

própria emancipação da escravidão, eles deviam conceder essa mesma liberdade àqueles que não eram livres para obedecê-los. Cada sétimo dia os cabeças de família de Israel deviam proporcionar a todos os que dependiam deles, em seu nível, a mesma liberdade que Deus lhes tinha concedido no Êxodo.<sup>20</sup>

### Os anos sabáticos

---

**O** alívio semanal das cargas e injustiças sociais da vida adquiria um caráter muito mais amplo e permanente por ocasião do ano sabático (cada sete anos) e do ano jubilar (cada “sete semanas de anos”).<sup>21</sup> Essas duas instituições estavam intimamente relacionadas com o sábado semanal. Isto se vê na sua dependência de um ciclo septenário e no fato de que deviam ser observados como “um sábado do Senhor... ano... de descanso solene para a terra, um sábado ao Senhor”.<sup>22</sup>

Nessas duas instituições, o sábado se convertia verdadeiramente no libertador dos oprimidos na sociedade hebraica. A terra era deixada arada, e o que produzia por si própria devia ficar à disposição dos despossuídos e dos animais. Os escravos eram emancipados se assim o desejavam e as dívidas de todos os cidadãos eram canceladas. o ano jubilar requeria que as propriedades retornassem às mãos dos seus antigos donos. Se não houvesse nenhum parente (*goel*) que se oferecesse para resgatar aquele israelita que, em virtude de suas dívidas, tivera que vender-se a si pró-

prio como escravo, Deus mesmo atuava como seu Redentor (*goel*) através da legislação sabática jubilar.<sup>23</sup>

Embora escassamente observadas, tais instituições converteram-se num símbolo da restauração final que seria realizada pelo Messias.<sup>24</sup> Da maneira como o repouso do sábado antecipava a paz e harmonia da era messiânica, a restauração dos anos sabáticos anunciava o restabelecimento final e a libertação que o Messias haveria de trazer.

A imagem dos anos sabáticos e jubilares foi utilizada para representar a expectativa messiânica. Por exemplo, Daniel 9 oferece um caso interessante ao usar o ano sabático e jubilar em dois períodos proféticos. O capítulo começa descrevendo o anelo de Daniel por compreender o tempo do fim do cativo, à luz da profecia dos 70 anos de Jeremias 29:10. Esse período profético está explicado concretamente em II Crônicas 36:21, como representando um “sábado” prolongado de desolação do país, resultado da desobediência de Israel.<sup>25</sup>

À luz dessa profecia, Daniel ora para conhecer o tempo em que deve acontecer a repatriação prometida. Em resposta à sua petição, o anjo Gabriel aparece e lhe faz conhecer o plano de Deus para uma maior restauração messiânica que aconteceria não ao final dos 70 anos, mas após “setenta semanas de anos”.<sup>26</sup> Assim como os 70 anos de Jeremias, que preanunciavam o término do cativo nacional e consistiam em dez anos sabáticos, também os 490 anos de Daniel, que prediziam o final da escravidão espiritual consistiam em dez anos jubilares. O fato dessa divisão jubilar do tempo assinalar diretamente a vinda do Messias, está claramente indicado na menção específica de “até ao Ungido, ao Príncipe”<sup>27</sup> e na descrição de Sua missão: “...para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade...”.<sup>28</sup> Da mesma maneira como o tema do descanso sabático foi empregado para prefigurar tanto a libertação política como a messiânica, a remissão dos anos sabáticos é utilizada aqui para anunciar ao mesmo tempo a restauração nacional e messiânica.

Em Isaías 61:1-3, há outro exemplo do ano jubilar aplicado à missão do Servo Ungido do Senhor. Segundo o Novo Testamento, o Ser descrito nessa passagem é o Messias que haveria de inaugurar a res-

---

## O sábado é um símbolo de libertação física e espiritual, e da mais efetiva expressão divina da redenção.

---

tauração final. Sua missão de “apregoar o ano aceitável do Senhor”, é uma clara referência ao ano jubilar.<sup>29</sup> A liberdade que o Messias devia aportar está descrita num termo técnico (*deror*) empregado para a remissão no ano jubilar. As “boas-novas” que o Ungido de Deus devia proclamar com a linguagem do jubileu referiam-se à anistia e libertação da servidão.<sup>30</sup> Cristo utilizou as mesmas expressões para anunciar e explicar a natureza de Sua missão redentora.<sup>31</sup>

Buscando sistematizar o que a Bíblia diz sobre os anos sabáticos e jubilares, descobrimos que eles possuem três características essenciais de claras conotações messiânicas. Primeira: a remissão das dívidas, propriedades, e dos escravos, era uma imagem que ilustra a esperada libertação messiânica. Convém assinalar aqui que os anos sabáticos eram tecnicamente chamados de “perdão”, “a redenção do Senhor”, “o ano da libertação”.<sup>32</sup> Isto prefigurava a futura libertação da opressão do pecado, o que é confirmado no Novo Testamento.<sup>33</sup> A segunda característica é de natureza escatológica e corresponde ao ato de soar a trombeta para assinalar o início do ano jubilar. A mesma imagem é usada por Isaías para descrever a inauguração da era messiânica.<sup>34</sup> É possível que também o Novo Testamento faça alusão à idéia de jubileu, quando fala da trombeta que anuncia o retorno de Cristo.<sup>35</sup>

A terceira característica está relacionada também com o soar da trombeta. Mais especificamente com a data que anunciava o início do ano jubilar, o “dia dez do mês sétimo”, ou o “Dia do Grande Perdão” (*Yom Kippur*).<sup>36</sup> É muito significativo que a restauração do jubileu coincidissem com a purificação do povo, oferecida por Deus, e com o novo começo no Dia da Expição.<sup>37</sup> Noutras palavras, ao

concluir o Dia da Expição, quando os hebreus haviam obtido a paz da alma, o seu Pai Celestial apagara seus pecados e os havia reconciliado consigo pela graça de Seu perdão, cada israelita devia proclamar por toda a terra, fazendo soar nove vezes a trombeta, que ele também dava repouso à terra, devolvendo a liberdade a cada família oprimida, a cada escravo que agora retornava ao seio da família. Na mesma medida em que Deus havia perdoado suas dívidas, também ele devia perdoar a seus devedores.<sup>38</sup> O significado desse fato é que o jubileu se convertia em uma nova criação, um novo começo, a partir da expiação realizada pelo sangue do Cordeiro do Pacto.

### O discurso de Nazaré

---

**S**ão Lucas relata que Jesus “indo para Nazaré... num sábado, na sinagoga... levanta-Se para ler”. Nessa ocasião, após a leitura de Isaías 61:1 e 2; 58:6, Jesus passou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.”<sup>39</sup> Dessa forma Ele inaugurou a nova era messiânica. Cristo Se apresentou como o cumpridor das expectativas messiânicas que os anos sabáticos e jubilares haviam prefigurado.

É importante assinalar que esse discurso ocorreu após os acontecimentos relatados em São João 5, na Páscoa do ano 29 d.C.<sup>40</sup> Jesus voltou a referir-Se à mensagem de Isaías 61:1-3 poucas semanas mais tarde na sinagoga de Cafarnaum,<sup>41</sup> e parece haver empregado palavras similares às pronunciadas em Nazaré em diversas ocasiões posteriores.<sup>42</sup> Comumente Ele pregava sobre esse texto a fim de expor a natureza e os propósitos de Seu ministério.<sup>43</sup>

Segundo Lucas, a redenção messiânica, prometida por Isaías mediante o simbolismo do ano sabático, agora tinha-se cumprido. Paul K. Jewett comenta que “o grande Sábado do Jubileu tinha-se feito realidade para aqueles que, libertados de seus pecados pela vinda do Messias, são herdeiros com Ele”.<sup>44</sup> É muito revelador o fato de que Lucas coloca o anúncio que Cristo faz do cumprimento das promessas do ano sabático no contexto imediato de dois episódios de cura no sábado.<sup>45</sup> Essa seqüência, sem dúvida, põe em rele-

vo que Cristo não somente anunciou o cumprimento da esperada libertação sabática, mas demonstrou de que maneira essa libertação começava a se realizar.

Diante de tudo o que foi dito, não podemos deixar de reconhecer que a essência do repouso sabático que hoje alcança o povo de Deus,<sup>46</sup> reside na libertação e no descanso que Cristo veio trazer. Aguardando a realização última das promessas redentoras do sábado podemos viver com a segurança de que Cristo e o Pai “continuam trabalhando até agora” para que os homens alcancem esse repouso.<sup>47</sup>

Num tempo em que as forças do caos e da desordem parecem prevalecer, quando a injustiça, a cobiça, a violência, a corrupção, o crime, o sofrimento e a morte parecem dominar; Deus, mediante o sábado, lembra a Seu povo que tais forças destrutivas não triunfa-

---

— A essência do repouso  
sabático reside na  
libertação e no descanso  
que Cristo veio trazer.  
Mediante o sábado,  
Deus nos dá a segurança de  
que o mundo está sob  
Seu controle.

---

rão, porque ainda “resta um repouso para o povo de Deus”.<sup>48</sup> Mediante o sábado, Deus nos dá a segurança de que o mundo está sob Seu controle e que Seus propósitos salvíficos se realizarão apesar de tudo. O mesmo Deus que criou o mundo e que libertou a Seu povo da escravidão do pecado e da morte, por meio do Seu Filho, estabelecerá um Mundo Novo onde “de sábado a sábado, todos os homens virão adorar”.<sup>49</sup> Naquele sábado, como disse Agostinho, “repousaremos e veremos, veremos e amaremos, amaremos e louvaremos”. Vivamos cada sábado a realidade dessa mensagem de salvação e redenção.

---

*Referências*

1. I Cor. 15:54-56.
2. I S. Pe. 2:9.
3. At. 1:8; Apoc. 14:6; Rom. 10:13.

4. Col. 2:12; I Cor. 11:26.
5. S. Mt. 1:18.
6. Ver H. W. Richardson, *Toward an American Theology*, pág. 130, e Gerhard Von Rad, “*There Remains Still a Rest for the People of God*”, em *The Problem the Hexateuch and Other Essays*, 1965, pág. 102.
7. Deu. 12:9; 25:19; Isa. 14:3.
8. II Sam. 7:1; I Re. 8:5.
9. II Crôn. 6:41; I Crôn. 23:25; Salm. 132:8, 13, 14; Isa. 66:1.
10. Amós 9:13 e 14; Isa. 30:23-25; Jer. 31:12.
11. Isa. 61:1-9.
12. Osé. 2:20; Isa. 65:25; 11:16.
13. Isa. 65:20; Zac. 14:6 e 7.
14. Isa. 30:26; Zac. 14:6 e 7.
15. Isa. 25:8.
16. Isa. 56:4-7; 58:13 e 14; 66:22-24.
17. Êx. 20:2.
18. Êx. 20:10; Deu. 5:14.
19. Deu. 5:15.
20. Niels-Erik Andreasen, *Rest and Redemption*, 1978, págs. 49 e 50.
21. Lev. 25:4 e 8.
22. Lev. 25:2 e 4.
23. Lev. 25:4-7, 11, 25, 54 e 55.
24. II Crôn. 36:21; Ne. 10:31, falam da não observância dos anos sabáticos e as tentativas de reforma entre os israelitas.
25. Lev. 26:34 e 35.
26. Dan. 9:13-19.
27. Dan. 9:25.
28. Dan. 9:24.
29. Isa. 61:2; Lev. 25:10.
30. Isa. 61:1; Lev. 25:10; Jer. 34:8, 15 e 17; Eze. 46:17.
31. S. Lc.s 4:18 e 19.
32. Deu. 15:1, 2 e 9; 31:10; Lev. 25:10.
33. O termo “remissão” (*afesis*) é usado comumente na Septuaginta para traduzir as designações hebraicas para os Anos Sabático e Jubilar (*shamat, shemittah, yobel, deror*). Esse mesmo termo é usado quase sempre no Novo Testamento com o significado de “perdão”.
34. Isa. 27:13.
35. I Cor. 15:52; I Tess. 4:16; S. Mt. 24:31.
36. Lev. 25:9.
37. Lev. 16:18 e 19.
38. “Leviticus” em *Ellicot's Commentary on the Whole Bible, I*, pág. 454.
39. S. Lc. 4:16.
40. White, Ellen G., *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 198 e 199.
41. *Idem*, pág. 220.
42. *Idem*, págs. 203, 204 e 209.
43. Ver *Comentário Bíblico Adventista*, vol. 5, págs. 183, 219, 238 e 716.
44. P. K. Jewett, *The Lord's Day*, 1972, pág. 27.
45. S. Lc. 4:31-38. A palavra “sábado” aparece no Evangelho de Lucas 21 vezes e oito no livro dos Atos dos Apóstolos. Isso representa o dobro de vezes que em qualquer outro Evangelho. Sem dúvida, esse fato mostra a importância messiânica que o evangelista dá a esse dia.
46. Heb. 4:9.
47. S. Jo. 5:17.
48. Heb. 4:9.
49. Isa. 66:23.

# Como ser amigo do seu pastor

---

ROBERT P. FRY JR.

*Advogado em Irvine, Califórnia*

---



Leandro

Por que será que muitos pastores — pessoas geralmente respeitadas e admiradas — têm uma vida por demais solitária?

E por que muitos líderes da igreja local acabam frustrados quando tentam estreitar seu relacionamento com o seu pastor?

Por um lado, existe uma tendência de querer canonizar os pastores, mais ou menos como os católicos fazem com os mortos. Por outro lado, em várias congregações, o pastor é alvo de muitas críticas. Ou por causa dos seus sermões longos, ou dos hinos desconhecidos que escolhe, ou por ser muito liberal, ou até por não haver lugar suficiente para todos estacionarem na frente da igreja, o pastor leva a culpa.

Qualquer um reconhece que o pastor também necessita encontrar pessoas que o aceitem como ele é e demonstrem satisfação ao se relacionarem com ele, ou seja, amigos. E muitos de nós gostaríamos de ser amigos de nosso pastor. Mas o que significa exatamente ser amigo?

Durante os últimos sete anos desenvolvi uma boa amizade com meu pastor. Nosso relacionamento se aprofundou desde que nos conhecemos na igreja e, como resultado, hoje tenho uma intimidade maior com ele do que com as outras pessoas. Durante esses anos, meio inconscientemente, criei umas regrinhas que me orientam nessa amizade com o meu pastor:

### **1. Preservar as confidências**

Costumo não contar a outras pessoas o que o pastor conversa comigo pessoalmente. Por quê? Exatamente porque um amigo deve ser a primeira de todas as pessoas com quem podemos nos abrir livremente. Se o pastor não tem certeza de que iremos guardar as confidências, não terá segurança para conversar conosco.

A oportunidade de uma conversa privada com o pastor sobre um determinado assunto pode nos revelar mais coisas do que seria possível numa reunião. É claro que essa informação não pode ser utilizada em conversas com outras pessoas.

### **2. Evitar confrontação pública**

Tanto quanto eu saiba, jamais critiquei meu pastor diante de outras pessoas. O bom desempenho das responsabilidades do pastor depende grandemente do respeito que ele merece de sua congregação. Tudo que a gente fizer para diminuir esse respeito irá afetar o sucesso do pastor. De todas as formas, tento evitar discutir com ele em público.

Aí está um ponto no qual tenho falhado algumas vezes. Numa reunião de

oficiais de igreja, faz alguns anos, nosso pastor estava liderando uma discussão sobre determinado plano incompreensível e pouco útil, e eu disse exatamente isso, por baixo de um par de argumentos.

Ao criticar publicamente meu amigo — ou pelo menos o plano dele — quebrei uma regra pessoal, por isso procurei me retratar em público e não pessoalmente. Se eu não tivesse interferido a discussão poderia haver terminado mais cedo ou teríamos gasto o tempo em outros itens mais importantes.

Aquele tropeço renovou meu propósito de discordar em particular, principalmente se eu achar que é o meu pastor quem está na trilha errada. Em particular, tenho mais chance de influir sobre ele sem colocá-lo em má posição diante de quem quer que seja.

### **3. Jamais acusar**

Melhor do que acusar o pastor ou lamentar, eu tento propor-lhe uma solução. Lembro-me da ocasião em que ele e eu estávamos numa comissão para escolher um obreiro bíblico. Foi um processo longo e aborrecido. Uma noite, conversando depois da reunião, ele propôs: “Para mim chega, vamos chamar o Joel” — era o principal candidato à vaga.

Discordei e sugeri outra pessoa. O pastor a conhecia, mas achava que ela não aceitaria o trabalho. Entretanto, rapidamente concordou: “Vamos conversar com ela.” Como resultado, essa pessoa é até hoje nosso obreiro bíblico.

O importante foi que não lamentei ou acusei, mas propus outra solução. E fazer isso em particular chega a ter um significado espiritual.

### **4. Não tentar ser o amigo privilegiado**

Isso resume a regra mais difícil de todas, porque simplesmente não posso ser o amigo privilegiado de meu pastor. Tentar uma coisa dessas significaria levá-lo a um conflito com suas muitas responsabilidades em relação à igreja como um todo. Para sermos amigos de fato de nosso pastor, temos que estar mais preocupados em amá-lo e ajudá-lo do que em obter os benefícios que nosso relacionamento possa oferecer. Somente agindo assim a vida dele e a minha serão enriquecidas.

# Considerações Sobre o Memorial da Santa Ceia

---

ALMIR A. FONSECA

---

**D**esde que foi realizada por Jesus e Seus discípulos em um “espaçoso cenáculo” (Luc. 22:12) de Jerusalém, naquela noite de quinta-feira, a ceia do Senhor vem sendo repetida no meio da cristandade, cumprindo assim a ordem do Mestre, dada ainda no momento em que a cerimônia estava em andamento: “Fazei isto em memória de Mim” (Luc. 22:19). Alguns a entendem de uma forma, outros de maneira diferente, mas a recordação permanece. Os adventistas a celebramos da forma pela qual é conhecida em nossas igrejas.

Certamente tem constituído uma bênção para a família adventista, reunir-se de tempos em tempos para essa festividade espiritual da mais elevada espécie. Um sentimento de contrição, aliado a um espírito alegre e agradecido, toma posse de todos aqueles que se aproximam da mesa do Senhor para comemorar-Lhe os sofrimentos e morte.

Notícias que nos vêm dos primórdios do movimento adventista, dão conta de que naquele tempo já se dava grande importância à ocasião em que era realizada a Ceia do Senhor. O livro *Evangelismo*, pág. 274, informa: “Nos dias primitivos do movimento do advento, quando éramos poucos em número, a celebração das ordenanças tornava-se uma ocasião das mais proveitosas. Na sexta-feira anterior, todo membro da igreja buscava remover tudo quanto contribuisse para separá-lo de seus irmãos e de Deus.”

O tempo não conseguiu diminuir os sentimentos elevados de que são possuídos aqueles que se reúnem para tomar os sím-

bolos do corpo e do sangue de nosso bendito Mestre. Nesse momento, a mente é “avigorada e, entrando em atividade e vida, destruirá toda barreira que haja causado desunião e afastamento. Os pecados que hajam sido cometidos aparecerão com mais notoriedade que nunca dantes; pois o Espírito Santo no-los trará à lembrança”. — *Idem*, pág. 275.

---

## A celebração da Santa Ceia

---

**V**isto referir-se a um acontecimento de tão grande magnitude como é a morte de nosso Senhor Jesus, a Ceia do Senhor requer que Lhe dispensemos atenções especiais, e esses cuidados estão relacionados, em especial, com o trabalho dos oficiantes. A estes, principalmente, é feita a recomendação: “Esta cerimônia não deve ser realizada às pressas, mas com fervor, tendo em vista seu propósito e objetivo.” — *Manual Para Ministros*, pág. 91.

O Manual orienta aqueles que oficiam a Ceia do Senhor em muitos aspectos. Diz, por exemplo, que “o pastor, acompanhado de outros ministros, ou do ancião ou anciãos locais, toma seu lugar atrás da mesa sobre a qual se colocaram o pão e o vinho, cobertos com toalha limpa, enquanto os diáconos tomam o seu lugar na fila da frente, defronte da mesa... É aconselhável em alguns casos ter duas ou mais diaconias junto à mesa para cuidarem das toalhas, quando estas devem ser postas ou tiradas” (*Idem*, pág. 94).

Essas, bem como grande parte dos atos que fazem parte da cerimônia, constituem instruções sabidas e postas em prática por todos aqueles que ministram os emblemas do corpo e do sangue do Senhor. Raramente o pastor ou ancião não estão familiarizados com todos estes passos, e aqueles que ainda não tiveram tempo de memorizá-los têm à sua disposição as instruções, podendo delas se valer quando quiserem.

Existem, porém, pequenas coisas que talvez não apareçam no Manual, e que devem ser dispensadas, umas, e outras seguidas. As primeiras, por se tratarem de excesso de escrúpulo, muitas vezes; e as últimas, talvez por falta dele ou simplesmente por algum descuido.

Conheci, por exemplo, um oficiante que, ao preparar a cerimônia da comunhão, excedia-se nas precauções que tomava com respeito a higiene. Exigia que antes de se apresentarem para tomar parte no ceri-

até que tenham acabado de servir o símbolo do corpo de Cristo. Não tendo que manusear o pão para servi-lo à congregação, o membro cumprimentado não sente necessidade de lavar convenientemente as mãos, embora talvez devesse. Se os oficiantes o cumprimentam, acabam ficando com as mãos inadequadamente limpas.

### Em frente à mesa

**C**uidados semelhantes devem ser tomados depois que a mesa está posta e os oficiantes procedem à cerimônia. Embora as diaconisas possam retirar a toalha grande que cobre tanto as bandejas com o suco de uva, como as que contêm o pão, as toalhas menores não deveriam ser retiradas enquanto alguém estiver falando. Partículas de saliva, im-



monial, removendo as toalhas, as diaconisas tomassem banho. Embora fosse de se supor que esse cuidado fosse tomado pelas irmãs indicadas para a celebração, tornar isso uma norma indispensável nessa ocasião pode afigurar-se um excesso de escrúpulo.

Por outro lado, é sempre bom que o oficiante não se esqueça de tomar algumas precauções indispensáveis. Uma delas é cuidar para que haja um recipiente com água limpa, caso não se tenha uma torneira, a fim de que todos os que vão manusear o pão possam lavar as mãos após ter tomado parte no lava-pés. Em alguns lugares, essa providência é tomada diante do auditório, a fim de que todos se sintam despreocupados quanto à higiene.

O pastor e demais pessoas que manuseiam o pão, no momento em que este deve ser oferecido à igreja, não deveriam cumprimentar mais nenhum dos membros,

perceptíveis, poderão ser expelidas nesse momento, e irão certamente cair sobre os alimentos ali existentes. Se estiverem cobertos esse problema poderá ser evitado.

Mesmo a Bíblia ou o hinário, não deveriam ser colocados sobre as toalhas. Esses livros, conquanto devam ser manuseados com todo respeito, em ocasiões normais, no momento da Ceia do Senhor, deveriam ser pouco usados por aqueles que irão partir o pão. Muitas vezes foram eles segurados ao andarmos de ônibus e outros meios de transporte, e se tornam portadores de germes. Seria bom, portanto, que não os utilizássemos antes de quebrar o pão. O ideal seria que houvesse livros destinados ao ato exclusivo da Santa Ceia.

Um costume usado em algumas ocasiões de Santa Ceia, e que merece ser seguido, é o da utilização de guardanapo de papel para os oficiantes limparem as mãos

depois de partirem o pão. Como se sabe, o pão da Santa Ceia leva óleo, e ao ser manuseado deixa fragmentos gordurosos nas mãos de quem nele pegou. É aconselhável, portanto, que se utilizem guardanapos, de preferência, descartáveis.

### Como fazer o pão?

**F**inalmente, algumas considerações a respeito de como se deve fazer o pão da Santa Ceia. Parece um cuidado que não merece ser mencionado, mas na verdade a experiência tem revelado que, mesmo em igrejas mais numerosas e que dispõem de mais recursos, há falhas nessa questão. Boas donas-de-casa existem que, na hora de fazer o pão da Santa Ceia, encontram dificuldade.

Por certo os membros da igreja, acostumados a participar da cerimônia da comunhão, já notaram que ao receberem a porção simbólica do corpo de Cristo, tiveram problema para dissolvê-la na boca. Em uns casos, a partícula de pão é esboroenta, por excesso de óleo; em outros, é excessivamente dura, exigindo bons dentes para triturá-la. Por esse motivo, o *Manual Para Ministros*, pág. 98 fornece uma receita,

que deveria ser fornecida pelo pastor ou ancião da igreja à diaconisa ou pessoa que ficar responsável pela fabricação do pão. É a seguinte:

“**Ingredientes** (Para uma igreja pequena). — Três xícaras de farinha branca, meia xícara de azeite ou nata espessa, um pouquinho de sal e um pouco de água.

“Ponha-se a farinha num prato, acrescente-se-lhe o sal e misture-se bem com a nata (ou óleo); umedeça-se com água bem fria, até que tome a consistência de uma sólida massa de torta. Amasse-se bem com a mão por quinze minutos. Dê-se à massa a forma de pãezinhos de uns doze centímetros de cada lado e três milímetros de espessura. Risquem-se esses pães com uma faca, em divisões de cerca de centímetro e meio em quadro, de modo que depois se possa partir facilmente, e perfure-se cada quadrado a fim de impedir que se formem bolhas de ar. Ponham-se os pães em formas previamente polvilhadas e levem-se ao forno, cuidando para que não se tostem ou queimem.”

Eis, portanto, algumas recomendações oportunas para que a Santa Ceia se torne uma ocasião bastante agradável para todos, e um motivo para nos aproximarmos uns dos outros e de nosso amado Senhor.